

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



PSICODINÂMICA DO FANATISMO:  
TOLERÂNCIA À AMBIGUIDADE, VINCULAÇÃO AO PAI  
E DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL NA PROPENSÃO PARA O  
FANATISMO

**Tiago Filipe Vieira Inácio Ferreira de Magalhães**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica  
Dinâmica)**

**2017**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



PSICODINÂMICA DO FANATISMO:  
TOLERÂNCIA À AMBIGUIDADE, VINCULAÇÃO AO PAI  
E DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL NA PROPENSÃO PARA O  
FANATISMO

**Tiago Filipe Vieira Inácio Ferreira de Magalhães**  
Dissertação orientada pela Professora Doutora Ana Sofia Medina

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica  
Dinâmica)**

**2017**

## Agradecimentos

À Professora Doutora Ana Medina, por todo o investimento na minha autonomia, autodeterminação e liberdade de pensamento.

Ao Professor Doutor Bruno Gonçalves, pelo apoio e tranquilidade que me transmitiu na reta final.

Aos todos os participantes por terem tornado este estudo possível. O meu sincero obrigado.

A todos os que me ajudaram a levar esta dissertação ao maior número de pessoas. Muito obrigado.

A Professor Pedro, à Professora Teresa, à Patrícia e restante equipa da *Kids*, pelo apoio e compreensão e pela tão necessária motivação nos momentos finais. É um prazer trabalhar convosco.

À Eva e ao Jorge, que mesmo ausentes nunca deixaram de estar por aqui. Um grande beijinho cheio de saudade.

Às novas (velhas amigas), destruidoras de cidades, *fellow psis*, à Andreia, à Bia, Bruna, à Catarina, à Inês, e à Leonor, por me fazerem acreditar que um jogo de sueca é tão terapêutico quanto uma soneca no divã.

Aos velhos amigos que se tornaram família, aos Miguéis, ao Veiga, ao Chico e ao David, pela sincera amizade e paciência, por todas as conversas, e por cada um, à sua maneira, ter contribuído para a conservação da minha (já pouca) sanidade mental.

À Eva e ao Jorge, que mesmo ausentes nunca deixaram de estar por aqui. Um grande beijinho cheio de saudade.

Aos meus pais e restantes familiares, por acreditarem em mim e me apoiaram na definição do meu caminho.

À Cristina, que é farol que ilumina, pelo meu grito de libertação.

À Nocas, companheira de viagem, por partilhar comigo o leme com tanto amor, carinho, respeito e compreensão.

## Resumo

Os fenômenos de fanatismo têm vindo a assumir maior preponderância nas sociedades contemporâneas. A descrença nas antigas estruturas sociais e familiares, a abertura das fronteiras e o choque entre credos tem dado lugar a um espaço amplo, indefinido, onde diversos indivíduos e grupos se têm vindo a manifestar de forma agida contra as sociedades em busca de um significado próprio. Apesar da necessidade de compreender o funcionamento psicodinâmico destes indivíduos, a literatura existente na temática é ainda escassa. Os poucos casos existentes de processos psicoterapêuticos desenvolvidos com indivíduos desradicalizados demonstram a centralidade das temáticas ligadas à ambiguidade, identidade e vinculação ao pai.

Com base na literatura, procurou-se compreender a relação entre a tolerância à ambiguidade, vinculação ao pai e desenvolvimento psicossocial e a propensão para o fanatismo, como potencialmente expressa nas dimensões de dogmatismo, adesão ao grupo e capacidade para distinguir entre grupos de natureza fanática e não-fanática. Foram aplicados um Questionário Sociodemográfico, a Multiple Stimulus Ambiguity Scale, o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, a Modified Erikson Psychosocial Inventory Scale e ainda a DOG Scale a 77 indivíduos do sexo masculino da população portuguesa não-clínica.

Os resultados revelaram relações significativas entre a tolerância à ambiguidade, vinculação ao pai e desenvolvimento psicossocial, bem como entre estas e algumas das dimensões contempladas na propensão para o fanatismo. Infirmam-se associações significativas com algumas das variáveis sociodemográficas, nomeadamente entre a propensão para o fanatismo e o locus de controlo da autoestima, presença real do pai na infância e escolha de cenário de identificação a grupos. Verificou-se ainda que algumas das subdimensões da vinculação ao pai, associadas à presença real do pai na infância e à escolha de cenário de identificação a grupos explicam cerca de 26% da variabilidade da propensão para o fanatismo. Tais resultados foram discutidos à luz da teoria psicodinâmica.

Por último, foram discutidas as limitações deste estudo e direções futuras, bem como as implicações para a prática clínica e investigativa.

**Palavras-chave:** Tolerância à Ambiguidade, Vinculação ao Pai, Desenvolvimento Psicossocial, Propensão para o Fanatismo

## Abstract

Fanaticism has been gaining greater preponderance in modern societies. The disbelief in old societal and familiar structures, open borders and the conflict between different beliefs has given rise to an undefined potential space where both individuals and groups of individuals have been taking actions against societies while on the search for a personal shared significance. Although understanding the psychodynamics of the fanatical group and individual are a fundamental aspect of the research in this area, little has been done to date. The very few cases regarding psychotherapy with deradicalized individuals clearly show the centrality of the themes of ambiguity, identity and father-child attachment.

Based on a theoretical review, this study sought to understand the relationship between tolerance of ambiguity, father-child attachment, psychosocial development and the propensity toward fanaticism, as potentially shown in measures of dogmatism, group membership and distinction between fanatical and non-fanatical groups. A Sociodemographic Questionnaire, the Multiple Stimulus Tolerance of Ambiguity Scale, *Questionário de Vinculação ao Pai*, Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory and DOG Scale were applied to 77 portuguese young adults from a non-clinical sample.

The results found significant relations between tolerance of ambiguity, father-child attachment and psychosocial development. These variables also showed significant relations to some dimensions found in the propensity toward fanaticism. Additionally, significant relations were found between sociodemographic variables, particularly self-esteem locus control, presence of the father during infancy and scenario selection given a projective task. Some of the variables regarding father-child attachment, along with variables such as presence of the father during infancy and scenario selection, account for 26% of the variability in propensity toward fanaticism. Such results were discussed in the light of psychodynamic theories.

Finally, the limitations of this study are discussed, future directions are pointed and considerations about the implications of the present results to the clinical and investigative practice are addressed.

**Keywords:** Tolerance of Ambiguity, Father-Child Attachment, Psychosocial Development, Propensity toward Fanaticism

## Índice

Índice de Quadros .....	vi
Índice de Anexos .....	vii
Lista de Siglas.....	viii
Introdução .....	1
1. Enquadramento Teórico .....	3
1.1. Fanatismo.....	3
1.2. Tolerância à Ambiguidade e Intolerância à Ambiguidade .....	7
1.3. Intolerância à Ambiguidade e Intolerância à Incerteza.....	11
1.4. Intolerância à Ambiguidade e Ambivalência.....	12
1.5. Vinculação ao Pai, Identidade, Intimidade e Adesão ao Grupo .....	13
1.6. Grupo Fanático e Grupo Não-Fanático.....	18
2. Objetivos e Hipóteses .....	19
2.1. Objetivos de Investigação.....	19
2.2. Hipóteses de Investigação.....	20
3. Método.....	23
3.1. Participantes.....	23
3.2. Instrumentos.....	23
3.2.1. Questionário de Dados Sociodemográficos .....	23
3.2.2. Cenários de Identificação a Grupos .....	24
3.2.3. Multiple Stimulus Type Ambiguity Tolerance Scale (MSTAT-I; McLain, 1993). .....	24
3.2.4. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM; Matos & Costa, 2001 – versão revista).....	25
3.2.5. Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory (MEPSI; Darling- Fisher & Leidy, 1988) .....	26
3.2.6. Dogmatism Scale (DOG Scale, Altemeyer, 2002) .....	26

3.3. Procedimento .....	27
3.4. Procedimentos Estatísticos .....	28
4. Resultados.....	28
4.1. Estudo da Estrutura Fatorial das Medidas .....	28
4.1.1. Medida de Tolerância à Ambiguidade .....	28
4.1.2. Medida de Vinculação ao Pai.....	29
4.1.3. Medida de Desenvolvimento Psicossocial.....	31
4.1.4. Medida de Dogmatismo .....	32
4.2. Análise dos Resultados .....	33
4.2.1. Coeficientes de Correlação .....	33
4.2.2. Comparação entre grupos.....	38
4.2.3. Preditores da Propensão para o Fanatismo .....	40
5. Discussão .....	42
5.1. Limitações e Direções Futuras.....	53
5.2. Implicações Clínicas e para a Investigação .....	54
Referências Bibliográficas .....	55
Anexos .....	65

## Índice de Quadros

	Página
Quadro 1. <i>Correlações entre a Tolerância à Ambiguidade, Vinculação ao Pai e Desenvolvimento Psicossocial</i>	34
Quadro 2. <i>Correlações entre o nível de Dogmatismo, Adesão ao Grupo, Capacidade para Distinguir entre Grupos Fanáticos e Não-Fanáticos e Propensão para o Fanatismo</i>	35
Quadro 3. <i>Correlações entre a Tolerância à Ambiguidade, Dogmatismo e Capacidade para Distinguir entre Grupos Fanáticos e Não-Fanáticos e Propensão para o Fanatismo</i>	35
Quadro 4. <i>Correlações entre a Vinculação ao Pai, Dogmatismo, Capacidade para Distinguir entre Grupos Fanáticos e Não-Fanáticos e Propensão para o Fanatismo</i>	36
Quadro 5. <i>Correlações entre o Desenvolvimento Psicossocial, Dogmatismo, Adesão ao Grupo, Capacidade para Distinguir entre Grupos Fanáticos e Não-Fanáticos e Propensão para o Fanatismo</i>	37
Quadro 6. <i>Correlações entre a Presença real do pai na infância e a Propensão para o Fanatismo</i>	37
Quadro 7. <i>Correlações entre os Cenários de Identificação a Grupos (1 e 2) e a Propensão para o Fanatismo</i>	38
Quadro 8. <i>Propensão para o fanatismo: comparação entre grupos</i>	39
Quadro 9. <i>Presença real do pai na infância: comparação entre grupos</i>	40
Quadro 10. <i>Cenário de Identificação de Grupos 2: comparação entre grupos</i>	40
Quadro 11. <i>Preditores do nível de Propensão para o Fanatismo</i>	41
Quadro 12. <i>Regressão Linear Múltipla – preditores do nível de Propensão para o Fanatismo</i>	41

## Índice de Anexos

	Página
Anexo A. Caracterização da Amostra	65
Anexo B. Questionário de Dados Sociodemográficos	69
Anexo C. Teste-Piloto	79
Anexo D. <i>Multiple Stimulus Tolerance Ambiguity Scale</i>	82
Anexo E. <i>Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe</i>	84
Anexo F. <i>Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory</i>	86
Anexo G. <i>DOG Scale</i>	88

## Lista de Siglas

Tolerância à Ambiguidade	TA
Intolerância à Ambiguidade	IA
Intolerância à Incerteza	II
Inibição da Exploração e da Individuação na relação com o pai	IEI
Qualidade do Laço Emocional na relação com o pai	QLE
Ansiedade de Separação e Dependência na relação com o pai	ASD
Multiple Stimulus Ambiguity Scale	MSTAT-I
Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe	QVPM
Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory	MEPSI
Dogmatism Scale	DOG Scale
Desenvolvimento Psicossocial	DP
Dogmatismo	DOG
Adesão ao Grupo	AG
Capacidade para Distinguir entre Grupos Fanáticos e Não-Fanáticos	CD
Propensão para o Fanatismo	PF





## Introdução

As palavras do poema de António Ramos Rosa, que encabeçam esta dissertação, foram escolhidas com o propósito de transmitir uma ideia central ao coração da clínica, de que as psicopatologias são doenças de amor, da falta e da ausência do reconhecimento do verdadeiro self do sujeito. Coimbra de Matos, numa entrevista concedida ao expresso em fevereiro, refere que [amar] *Não é fácil, mas é bom. E se não se amar, não se vive*. Em comunhão, o poema de António Ramos Rosa traz-nos ao pensamento a ambivalência necessária – sine qua non – que permeia o triunfo do amor, i.e., do mundo relacional sobre a enclausura – a retirada autística e o delírio – no self. De facto, a capacidade para tolerar em consciência os aspectos contraditórios do self e dos outros, o amor e ódio, como refere o poeta, são condição essencial para o florescer individual e relacional e para o desenvolvimento do amor oblativo – da generosidade e da bondade para com o outro. Trazemos a esta discussão a temática do amor, da sua ausência ou presença sob formas distorcidas e postas ao serviço do narcisismo patológico, por acreditarmos constituir uma temática central na compreensão da génese dos fenómenos de fanatismo.

De facto, embora os fenómenos de fanatismo sejam uma realidade cada vez mais presente na própria vida das sociedades contemporâneas, pouca investigação tem sido conduzida nesta temática. Primeiro pelas dificuldades de conceptualização do conceito, como dimensão separada, mas inclusiva de fenómenos de fundamentalismo e radicalismo, segundo pelo acesso condicionado e restrito a este tipo de indivíduos e grupos. Neste sentido, o nosso estudo pretende contribuir para a exploração da temática.

O acesso a reflexões psicanalíticas e estudos de casos referentes a indivíduos desradicalizados ou em processo de desradicalização, remetem para a centralidade das temáticas da tolerância à diferença e ao que é incerto, ao papel da relação pai-filho e ao impacto danoso da ausência parental, bem como a exacerbação da identidade própria e do self grandioso, responsável por camuflar o vazio profundo de um self desvalorizado e fragmentado, em busca de coesão e definição identitária. Neste sentido, e face ao impacto tremendo das angústias existenciais que assolam estes indivíduos e ameaçam a sua continuidade, e à repressão profunda do ódio não mentalizado face às figuras vinculativas, nomeadamente ao pai abandonico, o grupo surge como proposta de transformação e encontro narrativo. Alicerçado numa identidade grupal, subjugada a valores e credos rígidos e rigidificantes, o indivíduo encontra uma possibilidade de recomeço, expansão das limitações do self e obtenção de significado, que colocam no outro – o inimigo, o diferente – o recetáculo das partes alienadas do self, do ódio e

da agressividade que não pode ser direcionada ao objeto primordial, nem tão pouco mentalizada ou transformada de forma socialmente aceite.

O presente estudo está organizado em diversos capítulos, com início no Enquadramento teórico. Este capítulo encontra-se dividido em quatro secções fundamentais. Principia com uma secção dedicada ao Fanatismo, onde se pretendeu traduzir o *state of the art* na matéria, as complexidades da sua conceptualização e estudo, bem como apresentar importantes associações com matérias do funcionamento psicodinâmico. Em seguida, apresenta-se uma secção dedicada à Tolerância à Ambiguidade, na qual se pretendeu discutir a evolução e caracterização do conceito e a sua proximidade com a noção psicodinâmica de ambivalência, bem como diferenciá-lo face às noções de intolerância à ambiguidade e intolerância à incerteza. Seguidamente, encontra-se um capítulo dedicado à Vinculação ao Pai, Desenvolvimento Psicossocial e Adesão ao Grupo, que pretende apresentar uma explicação integrada psicodinâmica sobre a interdependência destas dimensões e o seu potencial impacto nos fenómenos de fanatismo. Por último, encontra-se ainda um breve capítulo sobre os factores distintivos entre grupos fanáticos e não fanáticos.

Após apresentada a componente teórica, são introduzidos os objetivos e hipóteses que caracterizam este estudo, bem como o modelo teórico que os sustenta. Tendo já enunciado os objetivos, as hipóteses centraram-se, sobretudo, na análise das relações entre as variáveis relevantes, na comparação de grupos com elevada, moderada e baixa propensão para o fanatismo, e ainda com o valor preditivo de algumas das variáveis contempladas neste estudo relativamente à propensão para o fanatismo.

Em seguida, encontra-se a apresentação do Método, no qual, para além de apresentados os instrumentos e justificada a sua escolha, se procede à descrição dos Participantes e do Procedimento deste estudo.

São apresentados os Resultados, que incluem o estudo metrológico, assim como o estudo correlacional, de comparação de grupos e das análises de regressão desenhadas para verificar as hipóteses formuladas.

Por último, tem-se a Discussão dos resultados obtidos, sempre que possível, em comparação com estudos e teorias prévios, à luz da teoria psicodinâmica. A rematar esta dissertação encontram-se as limitações do estudo, bem como algumas direcções e implicações futuras sobre a contribuição destes resultados para a prática clínica e investigativa.

## 1. Enquadramento Teórico

### 1.1. Fanatismo

A origem da palavra fanático remonta à língua latina, à palavra *fanatici*, que empreende a interpretação inspirada de profecias em lugares sagrados (Piven, 2002, p. 123). Das definições oferecidas ao termo fanatismo, destacam-se os denominadores comuns que aludem a uma crença partilhada por indivíduos ou grupos de indivíduos, com adesão incondicional a uma causa, acompanhada de rigidez, persistência ou entusiasmo excessivos referente a determinados aspetos, sendo a manifestação considerada obstinada, indiscriminada ou violenta (Utrilla, 2013). Apesar de, etimologicamente, pela proximidade com o termo templo, a noção de fanatismo estar associada a movimentos religiosos, esta expandiu-se à afinidade com diferentes fontes, tais como pessoas, posições políticas, ideologias, desportos e hobbies, ou escolhas de vida (Utrilla, 2003).

De forma a encontrar as raízes do fanatismo, é necessário recuar à ideia de intolerância. Nomeadamente, a negação ou indisponibilidade para tolerar ou aceitar práticas ou crenças diferentes. Neste sentido, o fanatismo pressupõe uma extrema rigidez e obstinação na defesa das crenças próprias, concordantes com o estabelecimento da superioridade da identidade própria, face à identidade de outros indivíduos, em dimensões tão variadas como a raça, o género, a religião ou as escolhas sexuais (Utrilla, 2013).

Em termos do funcionamento da psique, o fanatismo tende a articular-se numa constelação de traços, composta por pensamento dogmático, intolerância e ódio à diferença, sentimento de onipotência e desejo de impor ou converter outros às perspetivas individuais, défice de espírito crítico e incapacidade de análise de posições, maniqueísmo e perspetiva binária do mundo e das pessoas. Mais ainda, quando articulada à noção de que o indivíduo se considera na posse da verdade, com a vivência de angústias que ameaçam o sentimento de liberdade individual, situamo-nos próximos de um funcionamento de tipo paranoide (Utrilla, 2013).

Para Canzler (1999) os princípios do funcionamento intrapsíquico fanático organizam-se da seguinte forma: a) redução do princípio da realidade, enclausurando-se o indivíduo nos seus delírios; b) diminuição do campo de consciência e transferência da responsabilidade individual para o objeto de devoção; c) negação e projeção das consequências deste estado no objeto de devoção; d) negação da perda de objeto e dos aspetos destrutivos do self em favor de experiências criativas e maníacas; e) idealização baseada em processos de dissociação primária; f) negação da triangulação em favor de estádios fusionais do self.

Retomando à gênese psicodinâmica do conceito, Fromm (1942) refere fanatismo como defesa regressiva contra o sentimento de medo que emerge da sensação de liberdade, originário na infância, aquando do período de separação-indivuação (Mahler, 1967). A impossibilidade de tolerar estar só, alicerçada no sentimento de desamparo resultante, impossibilita a capacidade para amar ou tolerar a diferença, e alimenta a cristalização do pensamento. É neste sentido que ideais grandiosos, característicos dos grupos fanáticos, se tornam apelativos, já que parecem responder à necessidade de segurança ou satisfação frequentemente ausente das esferas pessoais, profissionais ou interpessoais na vida destes sujeitos (Utrilla, 2013). Esta adesão rígida e cristalizada, em torno de um ideal ou grupo capaz de amparar o indivíduo e acalmar as suas angústias, parece relacionar-se com a formação de vínculos infantis, nomeadamente um desenvolvimento e uma maturação da psique aquém, ou fixado na fase simbiótica, e na incapacidade para tolerar a existência individual e separada do self. É, então, como se o indivíduo fanático procurasse um ideal ou grupo com o qual ser uno, de forma a conter as suas angústias (Mahler, 1967).

Na mesma linha, Sor & Gazzano (1992) salientam a importância do vínculo entre o bebé e a mãe, *rêverie* (Bion, 1962), no entendimento da gênese dos fenómenos de funcionamento fanático. Particularmente, salientam que é na *rêverie*, atividade aberta e recetiva da função materna, que se podem acolher quaisquer conteúdos por parte do bebé, formando esta ligações e conferindo sentidos, fundando as conjeturas da imaginação e da fantasia. Claro está que, ao servir como recetáculo de emoções e instigadora de devoção, múltiplos elementos fanáticos, tais como a falta de amor, podem intoxicar o espaço relacional (Lisondo, 2010). Esses elementos, alienados da função transformadora, função essa que conduz os elementos sensoriais a dados sensoriais e posteriormente a emoções que alcançam o pensamento, permanecem, nas palavras de Lisondo (2010), numa zona Não-Transformadora-Autista-Fanática, simultaneamente assimétrica e degenerativa da personalidade, invasiva e de cariz catastrófico para a função pensante. É teorizado que a raiz do funcionamento fanático se possa situar a este nível. Adicionalmente, Utrilla (2009) salienta a forte presença de insegurança existencial e a consequente necessidade de obtenção externa de um sentimento de segurança infalível na gênese da propensão ao fanatismo.

Alschuler (2011), numa análise compreensiva da relação entre islamismo e fanatismo, partindo de uma análise psicopolítica jungiana, situa a emergência e manifestação dos fenómenos fanáticos numa matriz de desenvolvimento da consciência política, particularmente nas polaridades que permeiam a experiência do indivíduo socialmente oprimido. Na base da

manifestação fanática estarão os binômios superioridade-inferioridade e paternalismo-dependência, responsáveis por introduzir no indivíduo oprimido um conflito interno, ao nível do alinhamento egóico com a interiorização dos complexos de dependência e de inferioridade e a projeção da superioridade e do paternalismo nos opressores (Alschuler, 2007). Uma possível solução de compromisso para as tensões geradas, uma vez que um equilíbrio dos polos nem sempre se torna possível, pode, em alguns casos, surgir pela manifestação de uma consciência fanática, que representa a dominância interna dos complexos de superioridade e paternalismo e a projeção de sentimentos de inferioridade e dependência sobre os opressores. Tratar-se-ia de uma completa cisão do self e de uma consequente identificação do indivíduo fanático aos aspectos positivos do objeto interno, bem como uma projeção dos aspectos intoleráveis do próprio num outro (e.g., religião, cultura, crença, opinião), tido como a manifestação do mal e embebido de tendências, desejos e fantasias persecutórias (Alschuler, 2009). Neste sentido, o indivíduo fanático parece recorrer predominantemente a mecanismos de defesa menos evoluídos, tais como compensação, dissociação, repressão e projeção, através dos quais o inconsciente investe a repressão da dúvida, cliva o objeto, e projeta os aspectos intoleráveis do self (Alschuler, 2009; Jung, 1970). Particularmente, a identificação do sujeito a uma verdade fomenta o desenvolvimento de uma representação de si-mesmo all-good, que pressupõe a ineficiência das defesas de compensação, na tentativa do ego de se confrontar com as suas próprias dúvidas. Assim, a ameaça de que a dúvida possa emergir na consciência do indivíduo fanático mobiliza o ego a defender a sua imagem, dando lugar à clivagem de uma representação all-good internalizada, e uma outra, all-bad, projetada nos não-crentes, que devem, por isso, ser convertidos ou eliminados, em prol da megalomania do self grandioso e da salvaguarda do objeto arcaico todo-poderoso (Jung, 1972; Wirth & Becker, 2009).

Gama, Mendonça e Barros (2014) recuperam Freud (1921) para salientar que, no indivíduo fanático, os desejos de agressão e a sua satisfação não se submetem a formas apropriadas, coincidentes com a manutenção do laço social. Neste sentido, a liberdade conferida à pulsão, adiantam as autoras, poderá dever-se a défices no funcionamento das instâncias psíquicas. Nomeadamente, a ineficiência do superego na introjeção da agressividade, ou a intolerância à tensão estabelecida entre o ego e o superego obriga à projeção da culpa no outro e consequente punição (Freud, 1921). Do ponto de vista cognitivo, encontra-se, desta forma, uma possível explicação para a tendência para o pensamento tudo ou nada, típico das ideologias fundamentalistas (Stein, 2004). A projeção das partes intoleráveis do self sobre um objeto recetáculo, poderá constituir não somente uma tentativa de encontrar um alvo que possa

ser destruído, mas também uma tentativa clivada de organização do mundo, em partes boas e partes más, que permita guardar e proteger os aspetos positivos do self (Olds, 2008).

Ainda, Adler (1964) propõe que a origem da libido destrutiva se encontre na repressão da moralidade, considerando que os sentimentos primários associados ao complexo de inferioridade estão na origem dos sintomas agressivos, particularmente poder e violência, que emergem como mecanismo de compreensão. Encontramos, contudo, em Fromm (1994) a pulsão agressiva diferenciada quanto à sua natureza, podendo ser considerada instintiva ou destrutiva/maligna. Enquanto a primeira se encontra principalmente ao serviço da sobrevivência do indivíduo, constituindo-se parte do programa filogenético, a segunda comporta o prazer que advém da destrutividade e da agressão. Fromm (1994) salienta o carácter artificial da categoria destrutiva ou maligna da agressividade, aproximando-a da linha da paixão e do desejo (Fromm, 1994). Neste sentido, e embora não rejeite o papel desempenhado pela supressão e restrição da libido agressiva, Fromm coloca a tónica na paixão individual e nas necessidades sociais, como o amor e o reconhecimento, presentes na vinculação afetiva, que considera essencial ao interesse na vida humana.

Na linha do pensamento de Fromm, e assente sobre um binómio predominante conflitual, encontram-se os conceitos de personal significance (Kruglanski, Chen, Dechesne, Fishman & Orehek, 2009) e *amour propre* (Rousseau, 1968), que remetem à dimensão do amor próprio que é dependente do olhar do outro, i.e. a necessidade apaixonada de ser alguém para um outro, de ser reconhecido, de ser valorizado pela cultura e pela sociedade a que se pertence (Neuhouser, cit. por Kruglanski & Orehek, 2011); e *amour de soi-même* (Rousseau, 1968), que remete à necessidade de auto-preservação e sobrevivência e que é subjugada pelo princípio do prazer. Embora pensada no sentido de oferecer uma explicação para os fenómenos de radicalização, a proposta apresentada por Kruglanski & Orehek (2011), assenta sobre a relevância do *amour propre* (i.e., necessidade de autoestima, reconhecimento e valorização pessoal do sujeito), aspeto fundamental na teorização das necessidades proposta por Maslow (1971), que traduz uma procura apaixonada por um significado pessoal (personal significance), no reconhecimento do olhar do outro. Assim, a procura do significado pessoal poderá ser despoletada por circunstâncias específicas de ameaça ou perda efetiva de significado, sob a forma de humilhação e isolamento, pressão ou luto grupal. Há aqui oportunidade para o ganho de significado pessoal, sob a forma de concretização do objetivo e de reversão ou expansão da condição e estatuto social e intragrupal do sujeito, bem como de necessidade de pertença (Baumeisteir & Leary, 1995; Kruglanski & Orehek, 2011), constituindo esta uma oportunidade

de obtenção de significado através da dedicação a uma causa, validada e estipulada pelas normas e valores grupais (Zartman & Anstey, 2012, cit. por Krunglanski & Orehek, 2011). Esta oportunidade de identificação e aproximação ao grupo serve o propósito de *empowerment* do sujeito, pelo sentimento de pertença a uma entidade maior e mais forte que a sua, bem como de *sacrifício*, sob a forma de submissão às normas e valores grupais. Constitui, na linha de Olds (2008), uma proposta de narrativa identitária capaz de conter as angústias associadas ao *self* frágil e humilhado que, ligado à entidade grupal, ultrapassa e expande as suas limitações no espaço e no tempo.

## **1.2. Tolerância à Ambiguidade e Intolerância à Ambiguidade**

Na gênese do conceito de Tolerância à Ambiguidade, encontra-se a relação primariamente estabelecida entre o conceito de intolerância à ambiguidade e os domínios das variáveis de personalidade, tais como rigidez, preconceito, autoritarismo, dogmatismo e etnocentrismo (Frenkel-Brunswik, 1949; Mostul, 1977; Kirton, 1981; Ray, 1988),

Naturalmente, os conceitos de tolerância e intolerância à ambiguidade são inseparáveis. Frenkel-Brunswik (1949) define, pela primeira vez, intolerância à ambiguidade como a tendência a perceber ou interpretar informação vaga, incompleta, fragmentada, destruturada, incerta, inconsistente, contrária, contraditória, múltipla, provável, incerta, inconsistente ou de significados pouco claros, como potencial fonte de mal-estar psicológico ou ameaça (Valutis, 2015). Apresenta-a como uma variável de personalidade, multifacetada e previsível, direcionada a objetos sociais, e relacionada com a incapacidade dos indivíduos para se confrontarem com a coexistência de conflitos e ambivalência emocionais (e.g., amor – ódio), sociais (e.g., in-group – out-group), e cognitivos (e.g., positivo – negativo), e tendência à simplificação irrealista da situação ambígua ou desestruturada (Frenkel-Brunswik, 1949, 1951; Comadena, 1984; Chen & Hoojberg, 2000; Chumakova & Kornilov, 2013). A IA pode manifestar-se, no sentido em que remete a reações emocionais desagradáveis (e.g., ansiedade), a nível perceptual-cognitivo-motor, interpessoal e/ou social (Block & Block, 1951). De entre as diversas características comportamentais salientadas por Furnham & Marks. (2013), importa realçar a escolha impulsiva e rígida de uma solução em contextos ambíguos, a incapacidade para conviver simultaneamente com traços bons e maus numa mesma pessoa, visões absolutistas da vida, do mundo e dos outros (*black-white thinking*), procura de certezas, dicotomia rígida em categorias e uma tendência para permanecer fechado, exceto a estímulos familiares. Consequentemente, como alertam Furnham & Marks. (2013), a teorização avançada por Frenkel-Brunswik (1949) permite generalizar o conceito a múltiplas dimensões do

funcionamento cognitivo e emocional do sujeito, sendo elas o seu estilo cognitivo, sistema de crenças, resolução de problemas e funcionamento social e interpessoal e traços de personalidade, bem como aspetos sociais e sistémicos, relacionados com a constelação de traços atribuídos à personalidade autoritária, nomeadamente constructos como a discriminação étnica, fascismo e dogmatismo (Block & Block, 1951; O'Connor, 1952; Bhushan, 1971; Chabassol & Thomas, 1975) O conceito relaciona-se, igualmente, com os princípios clínicos e gestálticos de necessidade de estrutura e *tendency towards closure*, que se manifestam, de forma compulsiva, como respostas de  *coping* face às tensões geradas pela situação ou estímulo ambíguo. Consequentemente, é teorizado que o estímulo relevante na situação ambígua possa ser identificado e passar a estar ligado a estruturas que visam, futuramente, reduzir o conflito e a tensão potencial adjacentes a situações/estímulos semelhantes, criando tendências comportamentais de referência (Block & Block, 1951).

Budner (1962) e Norton (1975), definem a situação ambígua como aquela que, por défice de suficientes pistas perceptivas, está para além da possibilidade de estruturação ou categorização do indivíduo. Budner (1962) delimita e diferencia tolerância e intolerância à ambiguidade pela diferente resposta à situação ambígua ou de difícil caracterização, marcando o desejo por ou a perceção da situação ambígua como ameaça a resposta tolerante ou intolerante. As situações podem ser estruturadas em torno de três grandes grupos, compondo situações contraditórias, nas quais diferentes elementos ou pistas sugerem conclusões opostas ou diferenciadas, situações novas, nas quais se verifica a ausência de pistas familiares e situações complexas/insolúveis formadas por múltiplas pistas e sujeitas a múltiplas interpretações incompatíveis (McLain, 1993). Os diferentes tipos de resposta, oriundos do confronto com a situação ambígua, operam, segundo Budner (1962), em dois níveis, fenomenológico – a realidade interna do sujeito, das suas perceções e das suas emoções/sensações – e operativo – remetendo ao mundo dos objetos naturais e sociais. Neste sentido, num primeiro momento, o indivíduo investe subjetivamente a situação ambígua, i.e., percebe-a, avalia e sente, dando posteriormente lugar a uma resposta objetiva, sendo esta uma ação ou comportamento referente ao ambiente externo (Mostul, 1977).

Norton (1975), partindo da teorização de Budner (1962), reafirma o pressuposto que a situação ambígua é, por norma, nova e/ou complexa, apresentando défice de pistas, soluções e estrutura, ou seja, uma ausência de clareza (Valutis, 2015). Aproxima-se do ponto de vista conceptual da teorização já referida de Frenkel-Brunswik (1949), recolocando, para definir intolerância à ambiguidade, a tónica na perceção atual ou potencial da informação como fonte

de ameaça psicológica (Mostul., 1977). Neste sentido, a tolerância à ambiguidade surge, por outro lado, definida como uma tendência perceptiva no sentido em que situações ambíguas são tidas como desafiantes e/ou desejáveis. MacDonald (1970) salienta a procura e a capacidade para disfrutar de situações ambíguas como marca do indivíduo tolerante à ambiguidade que é, por sua vez, capaz de alcançar um melhor desempenho em tarefas ambíguas. Mostul (1977) recupera as afirmações de Meek (1967) para relembrar a existência de um contínuo tolerância-intolerância à ambiguidade, no qual formas desadaptadas de resposta à ambiguidade poderão existir em ambas as extremidades. Se à ansiedade gerada pelos estímulos ou contextos ambíguos o indivíduo mais intolerante poderá responder de forma ativa, procurando resolver a situação através de conclusões prematuras, aplicação de distorções perceptivas, estruturação extrema ou compromissos rígidos e inflexíveis, bem como adesão rígida a noções preconcebidas (Carver, 2006), o indivíduo mais tolerante poderá, por sua vez, responder através do recurso a mecanismos de defesa de evitamento, negação ou retirada (Meek, 1967; McLain, 1993; Furnham & Richerster, 1995). Ainda, Budner (1962) categoriza as possíveis reações à ameaça que a situação ambígua poderá suscitar, distinguindo-as entre respostas de submissão – reconhecimento, por parte do sujeito, da sua incapacidade para alterar a situação – e negação – ato pelo qual a realidade objetiva do indivíduo é alterada, mesmo que subjetivamente, de forma a aproximar-se dos desejos do próprio (Mostul, 1977). Neste sentido, reações ou comportamentos, como ansiedade, desconforto, comportamentos destrutivos e reconstrutivos e evitamento, demonstram submissão fenomenológica, evitamento operativo ou submissão operativa, respetivamente, e caracterizam o funcionamento de indivíduos intolerantes à ambiguidade (Budner, 1962).

Para Rydell & Rosen (1966), a disposição do indivíduo tolerante à ambiguidade não se baseia num desejo ou na perceção do estímulo ou situação ambígua como sendo desafiante, mas antes com a necessidade de reduzir a ambiguidade a esta inerente. Assim, a sua tarefa cognitiva é de resolver a situação ambígua, sendo a sua tolerância manifestada somente no sentido em que é capaz de analisar e reestruturar a informação ambígua, por forma a alcançar uma resolução. Esta explicação é, de acordo com Kirton (1981), particularmente relevante, já que permite ultrapassar algumas das limitações apontadas às teorizações de Budner (1962) e de Norton (1975), nomeadamente a procura de redução da ambiguidade do indivíduo que a deseja. Mais ainda, parece relacionar-se com a possibilidade de a situação ou estímulo ambíguo constituir um fator de atração quando existe a eventualidade desta situação produzir um

resultado negativo, ou quando a ambiguidade constitui um fator de esperança face à possibilidade de evitamento do mesmo (Viscusi & Chesson, 1999; McLain, 2009).

McLain (1993, 2009), cujos pensamentos e articulação serão úteis a esta dissertação para efeitos metodológicos e conceptuais, apresenta uma definição de ambiguidade semelhante à já referida por Budner (1962) e Norton (1975), mais concretamente a insuficiência de informação percebida face a um determinado estímulo ou contexto. Para tal, sublinha a necessidade de separar e integrar as definições dos conceitos de ambiguidade e tolerância. Aos conceitos de tolerância/intolerância associa um contínuo que se estende ao longo do espaço compreendido entre a rejeição e a atração. Face ao constructo de ambiguidade remete à percepção de informação insuficiente/inadequada de forma a compreender estímulos, caracterizados como novos ou não-familiares, imprevisíveis ou excessivamente complexos para serem compreendidos, e/ou as suas inter-relações temporais ou espaciais. Consequentemente, McLain (1993) define tolerância à ambiguidade como um intervalo de reações, entre a rejeição e a atração, a estímulos percebidos como não-familiares, complexos, dinamicamente incertos ou sujeitos a múltiplas e conflitantes interpretações. Pressupõe-se, assim, pela sua ampla aplicação, que este conceito possa articular a natureza da informação e da situação, conjuntamente com as respostas individuais e comportamentais do sujeito (Valutis, 2015). Neste sentido, pressupõe-se a existência de dois polos de referência (Elias et al., 1992), i.e. indivíduos tolerantes à ambiguidade, para quem a situação ou estímulo ambíguo é desejável e desafiante (Norton, 1975; Furnham & Ribchester, 1995; Kirton, 1981), e indivíduos intolerantes à ambiguidade, para quem o mesmo estímulo ou situação poderá constituir uma ameaça (i.e., uma fonte de stress ou ansiedade), ou tendo a si associados sentimentos de desconforto e falta de controlo (Budner, 1962; Miles, 1975; Brief & Aldag, 1976; Sanchez, Truxillo & Bauer, 2000).

A esta definição de McLain (1993) pode ser adicionada ainda a compreensão do conceito como traço de personalidade (Frenkel-Brunswik, 1949; Naiman, Frohlich, Stern & Todesco, 1978) e estilo cognitivo (Furnham & Ribchester, 1995), salientando, por um lado, a sua natureza estável e individual, admitindo variações entre sujeitos (Budner, 1962; Sherrill, 2001; Furnham & Marks, 2013), e, por outro, a capacidade do sujeito para funcionar de forma racional em situações ambíguas (Chapelle & Roberts, 1986). Contudo, deverá ser considerado que a estabilidade individual e a influência do contexto na expressão da tolerância à ambiguidade se mantêm em debate, argumentando Kirton (1981) uma sobreextensão do conceito, no sentido em que os seus elementos constituintes carecem de suporte empírico e as

escalas criadas para a sua medição apresentam um desempenho psicométrico desadequado. No entanto, este autor, numa investigação com base na escala desenvolvida por MacDonald (1970), afirmou ter confirmado três elementos primários da TA, nomeadamente as dimensões de dogmatismo, inflexibilidade e conservadorismo (Furnham & Marks, 1993). Durrheim & Foster (1997) afirmam que a tolerância à ambiguidade é de facto dependente do contexto e não um traço de personalidade estável, constituindo por isso uma “variável atitudinal” (Furnham & Marks, 2013) que apresenta, em testes baseados em questões de contextualização mais geral, inconsistências na sua dimensionalidade (Furnham & Marks, 2013). No mesmo sentido, outros autores apontam o deficiente desenvolvimento do constructo (Furnham & Marks, 2013) e a pouca robustez demonstrada pelas suas operacionalizações (Grenier, Barrette & Ladouceur, 2005; McLain, 1993, 2009). Face à noção de que instrumentos de apreciação da TA focados em situações/estímulos mais gerais poderão oferecer resultados dependentes do contexto, alguns autores defendem o uso de itens e medidas contextualizadas (Herman, Stevens, Bird, Mendenhall & Oddou, 2010). Contudo, é frequente o recurso a escalas unidimensionais (e.g., Tolerance of Ambiguity Scale; Budner, 1962), que separam os indivíduos em intolerantes à ambiguidade, tendendo estes a recorrer ao pensamento branco ou preto, com julgamentos impulsivos e rígidos e relativa negação da realidade (Frenkel-Brunswik, 1949), e tolerantes à ambiguidade, que consideram situações ambíguas como desejáveis e desafiantes (Furnham & Marks, 2013). Denota-se que indivíduos mais tolerantes apresentam resultados superiores em medidas de Abertura à Experiência (Caligiuri, Jacobs, & Farr, 2000, cit. por Furnham & Marks, 2013), que inclui necessidade de variedade e preferência por complexidade, atitudes não-tradicionais e flexibilidade comportamental (Hogan, Wyckoff, Krebs, Jones & Fitzgerald, 2004), bem como procura de sensações e comportamento de risco (McLain, 1993, 2009).

### **1.3. Intolerância à Ambiguidade e Intolerância à Incerteza**

Naturalmente, como salientam Grenier et al. (2005), os conceitos de IA e II intercalam-se, particularmente no sentido em que ambos são compostos pelo termo intolerância, o que remete para a tendência individual para percecionar ou interpretar uma situação como ameaça ou fonte de desconforto, ansiedade e desacordo, em estudos envolvendo os conceitos de ambiguidade (MacDonald, 1970; Kirton, 1981) e incerteza (Furnham, 1994; Ladoucer, Gosselin & Dugas, 2000). Mais ainda, em ambos os casos esperam-se respostas individuais compostas por reações cognitivas, emocionais e comportamentais, e o experimentar de sensações de desconforto e ansiedade, por parte de indivíduos mais intolerantes, não sendo essas características exclusivas à IA (Grenier et al., 2005).

Embora os conceitos de IA e II tenham surgido na literatura de forma, por vezes, indiferenciada, diversos autores salientam a sua natureza distinta, apontando aspetos díspares: 1) tolerância à incerteza é uma variável orientada para a compreensão dos processos cognitivos (de tomada de decisão, memória e percepção), sem articulação com processos emocionais e de stress (Green & Roger, 2001, cit. por Furnham & Marks, 2013); 2) tolerância à ambiguidade remete a uma propriedade do estímulo, i.e., ausência de informação suficiente, necessária para a compreensão de uma situação ou para a antecipação de todas as suas consequências (Krohne, 1989, 1993; Ellsberg, 1961; Budner, 1962; Norton, 1975); 3) as variáveis remetem a referenciais temporais distintos, i.e., tolerância à ambiguidade remete para a reação a um estímulo ou situação ambígua no presente, no aqui-agora da situação (Grenier et al., 2005), enquanto que intolerância à incerteza descreve uma orientação para o futuro e para a incerteza a este associada; 4) as variáveis remetem a diferentes áreas de estudo, opondo o foco cognitivo e experimental – tolerância à ambiguidade – ao clínico – tolerância à incerteza (Furnham & Marks, 2013) ; 5) IA remete a um conjunto de reações/respostas, de cariz cognitivo, emocional e comportamental, enquanto que II aponta no sentido do estado emocional resultante, provocado pelo estímulo ambíguo ou aversivo (Grenier et al., 2005). Contudo, deverá ser ainda assim reconhecida a inexistência de uma definição operacionalizável ou diferenciação clara entre as manifestações da variável tolerância à ambiguidade e variáveis correlacionadas (Grenier et al., 2005; Furnham & Marks, 2013).

#### **1.4. Intolerância à Ambiguidade e Ambivalência**

A estruturação do conceito de IA remete para o conceito psicanalítico de ambivalência (Mostul, 1977). Recuperando o pensamento freudiano, encontra-se patente no conceito de ambivalência a possibilidade de coexistência entre os investimentos de amor e de ódio face a um mesmo objeto, bem como a importância do reconhecimento e do confronto com estes (Freud, 1912; 1958). Anna Freud salienta, na continuação do trabalho de Freud, a ligação íntima entre o reconhecimento da ambivalência face ao objeto e sua própria existência singular e separada do self (Freud, 1949). Anna Freud parece ter lançado luz sobre um potencial continuum tolerância – intolerância à ambiguidade, composto por uma miríade de potenciais respostas, que variam em grau de tolerância, entre tendência a soluções tudo ou nada, conclusões prematuras, rejeição da diversidade de outros, idealização e desidealização, splitting das representações parentais e integração de sentimentos de amor e ódio face a uma mesma pessoa com diminuto conflito ou ansiedade associados (Mostul, 1977; Holder, 1975; Kernberg, 1972). Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson & Sanford (1949) apontam no sentido de uma

relação entre as respostas manifestadas e aspetos do ambiente familiar da criança, tendo impacto considerável a rigidez das dicotomias interiorizadas pela criança ao longo do seu desenvolvimento (e.g., ex. bom – mau) e as experiências de disciplina e adesão às perspetivas parentais. Em particular, estilos de disciplina mais intolerantes, marcados por experiências ameaçadoras para o ego, traumáticas, avassaladoras ou incompreensíveis, quando comparados com formas mais flexíveis e não-ameaçadoras, parecem contribuir para uma orientação mais rígida da compreensão de regras externas, inflexíveis e superficiais. Outras dimensões, como os padrões de submissão e dependência relacionais e a ênfase colocada na aceitação imediata de regras pouco discriminatórias e inteligíveis, parecem contribuir para a rigidificação da personalidade e consequente intolerância à ambiguidade, quando acompanhadas por experiências de stress extremo colocado sobre comportamentos estereotipados, expectativas parentais de submissão sob a forma de negação do self e repressão de tendências inaceitáveis. Para permitir a adesão a normas e padrões estereotipados, quer impostos pelo sentimento de insegurança que acompanha os pais que se sentem alienados da sociedade a que pertencem, quer pela insistência de adesão aos mesmos imposta sobre os filhos, fundam o espaço a partir do qual o evitamento da ambiguidade pode emergir. Isto porque a manutenção das normas impostas só poderá ser alcançada caso a criança elimine, evite ou suprima aspetos inaceitáveis da experiência da sua consciência. A rigidez das estruturas servirá, então, como forma de gerir a ansiedade que emerge da situação/estímulo ambíguo (Stein, 2004; Summers, 2006). A promoção e o desenvolvimento do *insight*, a flexibilidade e a inteligibilidade das regras e a estabilidade do ambiente familiar parecem contribuir para uma maior flexibilidade emocional e cognitiva, e consequente maior tolerância da ambivalência emocional e da ambiguidade das situações experimentadas (Mostul, 1977).

### **1.5. Vinculação ao Pai, Identidade, Intimidade e Adesão ao Grupo**

Hamilton (1989) afirma que a inter-relação dinâmica entre self e objeto (i.e., relações de objeto) premeia o funcionamento das relações externas e internas do indivíduo. As relações de objeto são imagens, de natureza desenvolvimentista, do self e dos outros. Estas tendem a seguir uma linha de evolução de representações globais menos diferenciadas fortemente influenciadas por desejos inconscientes, para representações mais complexas, integradas e próximas da realidade, que influenciam a natureza e qualidade das relações interpessoais do indivíduo (Fritsch & Holmstrom, 1990). O foco do estudo das relações objetais é frequentemente colocado nas relações infantis, pressupondo-se que, através destas, a psique da criança introjete aspetos dos outros mais próximos, constituindo estes o barro a partir do qual

se forma a personalidade. Particularmente, Kernberg (1972) salienta a diferenciação entre bons objetos (i.e., objetos de amor) e maus objetos (i.e., objetos de ódio, crítica e negligência). É tido que a constelação de bons e maus objetos introjetados determine as relações com o próprio e com os outros, quer sob a forma do desenvolvimento emocional, quer sob a forma das defesas utilizadas (Greenberg, 1983). Neste sentido, importa salientar as defesas de clivagem e projeção, de natureza mais arcaica, responsáveis por defender o frágil ego em formação da invasão proveniente dos ataques dos maus objetos internalizados (Kernberg, 1995). Em particular, quando o objeto externo é de natureza persecutória, a introjeção decorre como tentativa de controlo. Embora eficiente na redução da ansiedade persecutória, este mecanismo fomenta a ansiedade de aniquilamento ou o medo da agressividade interna, obrigando o indivíduo a projetar de volta a agressividade sentida e a perceber o outro como persecutório. Constitui-se, assim, um ciclo de introjeção e projeção sucessivas da agressividade interna, que dissolve consequentemente a fronteira entre o self e o outro, composto por elementos projetivos (o outro que abusa, que ataca, que é persecutório) ou introjetivos (o ataque ao self) (Klein, 1946). Anna Freud (1966) acrescenta a introjeção excessiva da culpa por parte do superego e a sua economia intolerável, que impele a uma projeção consequente como forma de evitar a vergonha avassaladora. É nesta linha que Stein (2004) situa a ocorrência do fundamentalismo ideológico, nomeadamente na projeção do mal nos sistemas e agentes externos, que se tornam recetáculos de desejos e emoções indesejáveis e intoleráveis que podem, desta forma, ser destruídos, e na conservação de uma percepção *all-good* do grupo ou sistema de pertença. A motivação para a destruição do outro, que contém e carrega os aspetos negativos e desintegrados do próprio self, permite, de forma simbólica, a destruição dos elementos intoleráveis do self. Remete-se, neste ponto, a um défice da capacidade de espelho parental e a insuficiência da reflexão dos gestos e emoções do bebé, que assinalam a primeira fenda na identidade e a dificuldade em construir, no período devido, um compromisso identitário, que possibilite ao indivíduo transcender a condição de identidade difusa (Bronson, 1959; Hedge-Carruthers, 1997; Erikson, 1994). Ora, como adulto, é expectável que o indivíduo seja assolado por um sentimento de confusão proveniente do self esvaziado, bem como de medo e de incerteza face ao mundo, à morte, ao significado da vida e à moralidade, bem como à constelação de bons e maus objetos internalizados (Stein, 2004). Rokeach (1960) na análise efetuada a sistemas de crenças fechadas, e em particular ao papel que o grupo parece desempenhar ao nível das dimensões intrapsíquicas, conclui que o grupo pode, em última instância, constituir a rede total dos mecanismos de defesa, organizados por forma a criar um

sistema cognitivo capaz de proteger a mente dos elementos do grupo. Ameaça-se, então, uma teorização que vislumbre o pai como possível gênese catalisadora dos fenômenos de fanatismo. Nomeadamente, Hedge-Carruthers (1997) conclui, na sua análise a prominentes líderes fundamentalistas, a existência transversal no fundamentalismo de uma imagem divina de um pai duro e punitivo, com apreço somente pelo sacrifício de sangue do seu próprio Filho. A representação simbólica é coincidente com o historial da relação com a figura paterna apresentada pela maioria destes indivíduos. Torna-se, portanto, necessário compreender o possível papel do pai nas dinâmicas de afiliação e adesão ao grupo, bem como na articulação com um exercício insuficiente de compromisso identitário.

Os processos de vinculação e formação da identidade partilham semelhanças evidentes. Em particular, as relações com os pais parecem influenciar os sentimentos de segurança, exploração e desenvolvimento, bem como a construção de representações internas do self e dos outros (Kenny, 1987; Benson, Harris & Rogers, 1992; Samuolis, Layburn & Schia, 2001). De forma coincidente, os sentimentos de segurança provenientes das relações primárias parecem constituir condição necessária ao desenvolvimento da identidade e à prevenção da difusão da mesma (Marcia, 1983; Samuolis et al., 2001). Importa compreender que, na infância, as respostas dos prestadores de cuidados parecem construir um modelo interno de funcionamento do self dos outros, que premeia as expectativas e motivações do self em relação ao mundo externo e ao mundo relacional, bem como influenciam as escolhas desenvolvimentistas adaptativas ou mal adaptativas (Bowlby, 1980). Em particular, uma vinculação segura à figura parental, junto de indivíduos do sexo masculino, parece determinar uma maior disponibilidade para procurar a ajuda de outros. Poderá, contudo, ao mesmo tempo, ditar uma maior disposição ao desenvolvimento de uma identidade fechada, relacionada com o compromisso a um papel rígido ou submissão face à identidade de um grupo ou líder, bem como a uma identidade parental patológica e isolamento (Greenberger & McLaughlin, 1998; Samuolis et al., 2001).

Embora alguns estudos apontem no sentido de uma vinculação mais significativa à mãe, do que ao pai, para ambos os sexos, responsável por predizer níveis mais elevados de identidade conseguida e manifesta principalmente no estabelecimento de uma base segura (Benson et al., 1992), o pai poderá deter um papel complementar, principalmente no sentido da promoção do lado exploratório das crianças, e mais tarde dos adolescentes, bem como de segurança psicológica durante a descoberta e o jogo partilhado (Grossmann et al., 2002). Para Aberastury (1991), embora o lugar do pai adquira menos destaque na literatura, principalmente entre os

seis e os doze meses, o contacto corporal que se estabelece entre pai e bebé constitui uma referência para a organização psíquica e estruturação do desenvolvimento do ego da criança. Para Deutsch (1944), num momento desenvolvimentista em que a criança gradualmente se afasta das dependências da infância, o pai emerge com a função de trazer a realidade até à criança e de promover o seu ajustamento à mesma. É neste sentido que Muza (1998) refere que a figura do pai desempenha uma função vital no sentido da elaboração da perda da relação simbiótica com a mãe e da possibilidade de desprendimento da mesma, ao mesmo tempo que a relação com ambas as figuras parentais parece satisfazer, por intermédio de processos de identificação, a sua bissexualidade. É neste sentido que Corneau & Shouldice (1991) argumentam que, à medida que o desejo incestuoso da criança se vai desfazendo, o pai – primeiro outro – adquire progressiva diferenciação, de tal forma que funda os alicerces para a interioridade da criança e conseqüente dissolução da fusão entre o eu e o não-eu. O pai é, então, o primeiro não-mãe, um outro que dá forma ao que a mãe não é, e que por isso conduz a criança ao mundo da família e da sociedade, bem como ao seu mundo interno, manifesto pelo acesso à agressividade, à capacidade de se afirmar, de se defender e de explorar o meio. Mais ainda, o pai parece constituir o transmissor cultural ativo e o fomentador e motivador de novas experiências e de exploração, ao mesmo tempo que atua enquanto acompanhante familiar a esses mesmos processos (Grossmann et al., 2002). O pai permite que as crianças masculinas assimilem aspetos discordantes da sociedade, através da estimulação da capacidade de adaptação à novidade e do reconhecimento da identidade masculina própria (Harkness & Super, 1992; Barton & Tomasello, 1994). Por outras palavras, o pai apresenta o princípio da realidade e da ordem no seio da família, e introduz na criança a consciência de que esta não é o foco exclusivo da atenção da mãe (Muza, 1998).

Sobre o efeito maléfico do relacionamento difícil com o pai, Komarovsky (1976) descobriu que alunos universitários masculinos que experienciam maiores níveis de tensão tendem a ter relações menos favoráveis com os pais. Na mesma linha, a ausência do pai do sistema familiar parece influenciar os níveis cognitivos e sucesso académico das crianças, bem como aumentar a propensão para a delinquência e o comportamento desviante (Hetherington, Camara & Featherman, 1983; Dornbusch et al., 1985). De acordo com Muza (1998), a ausência do pai, particularmente na adolescência, promove a experiência de problemas de identificação sexual, dificuldades no reconhecimento dos limites e de aprendizagem de regras sociais, e maior propensão para o envolvimento em atividades delinquentes. Em particular, Ferrari (1994) acrescenta que a ausência do pai provoca, nos adolescentes extrovertidos, dificuldades de

contacto com o seu mundo interior, com tendência para uma maior propensão para comportamentos antissociais.

Os comportamentos exploratórios que florescem na relação com o pai, relacionam-se de forma significativa com as teorizações da identidade conseguida de Erikson (1994) e dos estádios de identidade de Marcia (2002). A capacidade da criança e, mais tarde, do adolescente em investigar e explorar os mundos interno e externo, bem como as dinâmicas relacionais, constituem elementos fundamentais ao desenvolvimento de uma identidade egóica estável, no sentido em que a exploração e investigação ativa e intencional permeiam o compromisso com valores e crenças, planos e objetivos (Erikson, 1994; Lubenko & Sebre, 2007). Tem-se que a identidade difusa constitui precisamente a ineficiência dos processos de investigação, exploração e compromisso com valores, crenças, princípios, escolhas profissionais e projetos futuros (Marcia, 2002).

Para Freud, a origem primitiva da sociedade assenta sobre a figura de um *pai*, uma figura masculina poderosa, autossuficiente e dominadora, capaz de atuar como ideal do grupo, i.e., substituir no indivíduo o próprio ideal do eu que, por sua vez, substitui o narcisismo que tomou lugar na infância (Mendonça e Barros, 2008; Laplanche & Pontalis, 2004). Neste sentido, o ideal do eu, diferenciado do eu e capaz de regular os afetos e assegurar satisfação em momentos em que esta não pode ser encontrada no próprio ego, coloca o sujeito estranho, o líder, a crença ou o grupo, no lugar do próprio ideal do eu, fomentando a dissolução do eu no grupo (Freud, 1921; Mendonça & Barros, 2008). Remete-se, neste sentido, ao conceito de identidade fechada e difusa, de Erikson (1994), particularmente à noção de que, face ao desafio desenvolvimentista de descoberta e compromisso identitário e à vulnerabilidade às pressões sociais e à imersão no grupo, uma possível solução para a incapacidade de exploração e compromisso (identidade difusa) parece ser a adoção de uma identidade grupal, à qual o indivíduo pode facilmente aderir (Hedge-Carruthers, 1997; Stein, 2004). A adesão rígida ao grupo parece relacionar-se com um mecanismo de regulação da ansiedade existencial proveniente do self frágil, no sentido em que a ideologia e consequente estrutura do grupo permitem manter à distância a ambiguidade e a incerteza, a confusão e a fragmentação que ameaçam o ego (Stein, 2004).

Embora, como já referido, a investigação no domínio do fanatismo seja escassa, diversos autores relacionaram o fundamentalismo religioso com a perspetiva das relações objetais, destacando as falhas provenientes das experiências infantis como possível berço para um conjunto de ansiedades avassaladoras vitais ao pensamento fundamentalista. Mais ainda, o pensamento rígido e de natureza dualista parece relacionar-se com as defesas de clivagem e o

esforço do ego em separar os maus e bons objetos, por receio que os últimos possam ser esmagados pela ação dos primeiros, bem como em assegurar uma estrutura confortável de interpretações e crenças. Noutras palavras, certificar que o ego dispõe de uma estrutura organizada e previsível, prontamente controlável, que permite não só conter como também evitar a ambiguidade e a incerteza (Lichtenberg & Slap, 1973). Adicionalmente, é pressuposto que as ansiedades geradas ainda na infância, e que se parecem prolongar na vida adulta, possam ser reativadas pelo sentimento de vazio, frequentemente associado na linguagem Eriksoniana à identidade difusa, ou pelo medo da ambiguidade (Erikson, 1994 Olds, 2008).

Olds (2008) acrescenta que o grupo poderá desempenhar um papel fundamental no sentido de servir como tampão ao sentimento de self quebradiço ou frágil, oferecendo uma proposta identitária, bem como uma narrativa que enaltece o sentido de si-mesmo, na medida em que é conferido um propósito, sentimentos de amor, reconhecimento e apreço à vida do indivíduo (Kruglanski et al., 2011). A identidade pessoal torna-se, então, secundária face à identidade do grupo, na qual se dissolve e da qual se torna inseparável, transcendendo a mortalidade pela permanência na memória e na admiração dos pares (Post, Sprinzak & Denny, 2003; Elster, 2005).

Castano & Dechesne (2005), refletindo sobre os fenómenos de adesão a movimentos terroristas, concluíram que a pertença à entidade coletiva permite a expansão do *self*, no espaço e no tempo, de tal forma que possibilita ultrapassar as limitações da identidade própria e do corpo tido com efémero. Arndt, Greenberg, Solomon, Pyszczynski & Simon (1997) salientam que a adesão à identidade de grupo reduz o sentimento de angústia de morte e de inexistência e a ansiedade resultante, ao mesmo tempo que o recurso à ideologia grupal permite compensar experiências anteriores de trauma (Speckhard & Akhmedova, 2005). Trata-se, pois, nas palavras de Coimbra de Matos (2016), de uma forma de narcisismo dependente – é o grupo que determina o valor do indivíduo – cujo foco da regulação da autoestima se situa para lá de si. Tal como quando em criança, o indivíduo identifica-se com a imagem que os outros significativos lhe reconhecem e transmitem. É, pois, o olhar do outro – grupo – e os olhares dos outros – companheiros – que determinam o valor próprio. Constitui, então, uma expressão marcada da identidade imagoico-imagética, e sobretudo da identidade alotriomórfica – *sou aquilo que me disseram que era ou a cópia do outro* (Coimbra de Matos, 2016).

## **1.6. Grupo Fanático e Grupo Não-Fanático**

Uma nota final deve ser adereçada à distinção entre grupos de índole fanática e não fanática. Marimaa (2011) afirma que o termo fanatismo deve ser aplicado a grupos que

defendem ou perseguem uma ideologia ou crença de uma forma apaixonada e que extravasa a normalidade. Postman (1976) acrescenta que, para a caracterização de um grupo fanático, é necessário que o mesmo proclame crenças auto-confirmatórias que, embora possam ser verdadeiras, não permitem o debate e a exploração da sua veracidade. Por último, em termos de comportamentos e atitudes, o grupo fanático diferencia-se no sentido em que o comportamento dos seus membros viola as normas sociais (Thorne & Bruner, 2006).

## 2. Objetivos e Hipóteses

Neste capítulo, de acordo com a fundamentação teórica previamente apresentada, pretende-se estabelecer os objetivos da investigação, definir as variáveis em estudo e formular as hipóteses a investigar.

### 2.1. Objetivos de Investigação

A investigação incide numa amostra de indivíduos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 20-23 anos, obtida a partir da população normal.

À semelhança do referido na revisão de literatura, não existem atualmente medidas únicas que permitam avaliar o nível de fanatismo de determinado sujeito ou de determinada adesão a um grupo. Neste sentido, torna-se então necessário aceder a este domínio através de indicadores, de natureza cognitiva e relacional, apontados pela literatura como relevantes para o estudo do fenómeno. Consequentemente, tem-se como objetivo central da presente investigação estudar a *propensão para o fanatismo* através do recurso aos indicadores *tolerância à ambiguidade, vinculação ao pai e desenvolvimento psicossocial* (em termos dos domínios da *identidade e intimidade*). Importa ressaltar que a *propensão ao fanatismo*, ao não poder ser estudada como medida única, é aqui operacionalizada em duas dimensões distintas, que comportam os níveis do funcionamento intrapsíquico do sujeito e as manifestações da adesão ao grupo e do agir. Toma-se em consideração o nível de *dogmatismo* do sujeito (dimensão intrapsíquica) e a capacidade *de distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos e grau de adesão ao grupo* (dimensões da adesão e do agir).

Aproximando-nos dos domínios intrapsíquicos do sujeito, pretende-se, em seguida, estudar o grau e a reciprocidade da relação estabelecida entre os indicadores *tolerância à ambiguidade, vinculação ao pai e desenvolvimento psicossocial* (em termos dos domínios da *identidade e intimidade*), de acordo com uma articulação que toma por base os domínios cognitivos e relacionais da psique.

O objetivo seguinte prende-se com a compreensão das associações entre cada umas das variáveis constituintes da dimensão propensão para o fanatismo.

O quarto objetivo desta investigação visa compreender, separadamente, a influência que cada um dos indicadores (*tolerância à ambiguidade, vinculação ao pai e desenvolvimento psicossocial*) exerce sobre o nível de propensão para o fanatismo e as dimensões que o compõem.

Por último pretende-se compreender o impacto das variáveis sociodemográficas, nomeadamente o locus de controlo da autoestima, a presença real do pai na infância e na adolescência a escolha de grupos nos cenários de identificação, no nível de propensão para o fanatismo.

## **2.2. Hipóteses de Investigação**

A revisão de literatura apresentada expõe, de forma clara, a escassez de estudos que agregam as variáveis em investigação e que exploram a temática do *fanatismo*. Neste sentido, toma-se em consideração estudos que relacionam pares de variáveis. A título de exemplo, consideram-se os estudos de Stein (2004) e Olds (2008) que apresentam o grupo e a adesão ao mesmo como solução para as angústias existenciais provenientes de um *self frágil*, sem identidade definida, incapaz de tolerar a ambiguidade e a incerteza. Adicionalmente, como previamente referido, dada a inexistência de instrumentos especializados, constrangimentos éticos e a inacessibilidade que caracteriza os sujeitos *fanáticos* ou pertencentes a *grupos fanáticos*, torna-se necessário encontrar e criar formas alternativas de compreender esta dimensão. Para tal, toma-se em consideração os estudos de Canzler (1999), Stein (2004), Wirth (2009) e Utrilla (2013), que denotam a proximidade entre os domínios do *fanatismo* e do *dogmatismo*, bem como a preponderância do papel do grupo na vida do indivíduo.

Com base nas ressalvas referidas, apresenta-se a seguinte proposta de modelo:

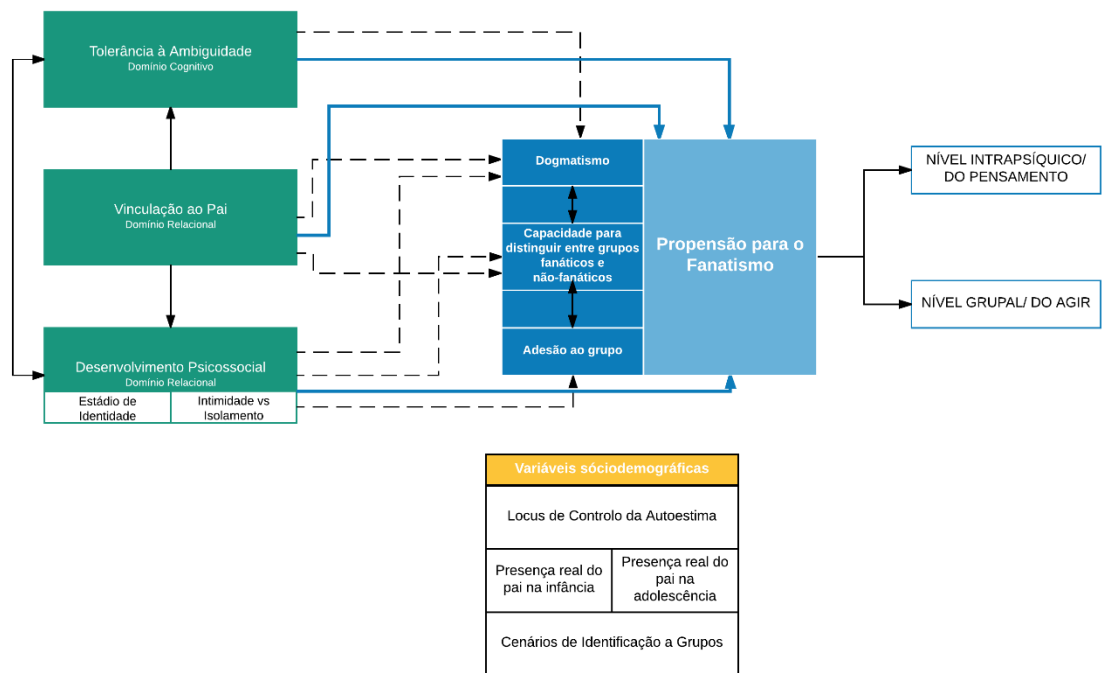


Figura 1. Esquema das hipóteses centrais

Com base no esquema apresentado, é de esperar :

1. Que o nível de tolerância à ambiguidade se encontre negativamente associado às subdimensões inibição da exploração e da individualidade e ansiedade de separação e dependência na relação, constituintes da dimensão de vinculação ao pai;
2. Que o nível de tolerância à ambiguidade se encontre positivamente associado ao nível de desenvolvimento psicossocial;
3. Que o nível de desenvolvimento psicossocial se encontre negativamente associado às subdimensões inibição da exploração e da individualidade e ansiedade de separação e dependência, constituintes da dimensão de vinculação ao pai;
4. Que o nível de desenvolvimento psicossocial se encontre positivamente associado à subdimensão qualidade do laço emocional, constituinte da dimensão vinculação ao pai;
5. Que o nível de dogmatismo se encontre positivamente associado ao nível de adesão ao grupo;
6. Que o nível de dogmatismo se encontre negativamente associado à capacidade para distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos;
7. Que o nível de adesão ao grupo se encontre negativamente associado à capacidade para distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos;

8. Que o nível de tolerância à ambiguidade se encontre negativamente associado ao nível de dogmatismo;
9. Que o nível de tolerância à ambiguidade se encontre negativamente associado ao nível de propensão para o fanatismo;
10. Que o nível de inibição da exploração e da individualidade na relação com o pai se encontre negativamente associado à capacidade para distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos;
11. Que o nível de qualidade do laço emocional na relação com o pai se encontre diretamente associado ao nível de dogmatismo;
12. Que o nível de ansiedade de separação e dependência na relação com o pai se encontre diretamente associado ao nível de propensão para o fanatismo
13. Que o nível de desenvolvimento psicossocial se encontre diretamente associado ao nível de dogmatismo, grau de adesão ao grupo e capacidade para distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos;
14. Que o nível de propensão para o fanatismo se encontre diretamente associado às variáveis sociodemográficas presença real do pai na infância e cenário de identificação a grupos (2);
15. Que indivíduos que pertençam ao grupo elevada propensão para o fanatismo apresentem valores menos elevados de tolerância à ambiguidade e de capacidade para distinguir entre grupos quando comparados com indivíduos com Baixa e Moderada Propensão para o Fanatismo;
16. Que indivíduos com elevada propensão para o fanatismo apresentem valores mais elevados de adesão ao grupo quando comparados com indivíduos com Baixa e Moderada Propensão para o Fanatismo;
17. Que indivíduos com elevada propensão para o fanatismo apresentem maior preponderância de escolha do grupo fanático no cenário de identificação (2) do que indivíduos com baixa propensão para o fanatismo;
18. Que indivíduos com elevada propensão para o fanatismo apresentem maior preponderância de ausência real do pai na infância e na adolescência do que indivíduos com baixa propensão para o fanatismo.

### **3. Método**

#### **3.1. Participantes**

A amostra desta investigação (anexo A) foi recolhida através de um questionário online criado na plataforma Qualtrics, tendo o estudo sido divulgado em redes sociais. É composta por 77 sujeitos do sexo masculino pertencentes à população geral, com idades compreendidas entre os 21 e os 23 anos, com uma média de idade de 21.6 anos. A maioria dos sujeitos são solteiros (97.4%) e habita em Lisboa. A maioria da amostra são estudantes (81.8%), com uma escolaridade ao nível da frequência universitária (54.5%). A maioria da amostra é de nacionalidade portuguesa (98.7%), tal qual os pais (98.7% para o pai e 97.4% para a mãe). A maioria dos nossos sujeitos cresceu com o pai (93.5%), a mãe (97.4%) e os irmãos (63.6%). A maior parte da nossa amostra passou a adolescência com o pai (87%), a mãe (93.5%) e os irmãos (64.9%). A maioria dos sujeitos vive atualmente com o pai (39%), a mãe (53.2%) e os irmãos (36.4%). A grande maioria dos participantes considera que tem pessoas com quem pode contar (97.4%), sendo que uma percentagem significativa (23.4%) destes consideram que necessitariam de mais pessoas na sua vida. Uma elevada percentagem dos nossos sujeitos encontra-se envolvida em grupos (31.7%), dos quais a maioria pertence a grupos académicos (31.2%), seguido de grupos de voluntariado/ação social (15.6%) e grupos desportivos (14.3%). Relativamente aos Cenários de Identificação a Grupos, a maioria dos indivíduos optou pela descrição do Grupo Não-Fanático (Opção B), como grupo em que se sentiriam mais livres (85.7%) e grupo do qual seria mais fácil sair (71.4%).

#### **3.2. Instrumentos**

##### **3.2.1. Questionário de Dados Sociodemográficos**

A primeira secção deste protocolo, composta um por um questionário de dados sociodemográficos (anexo B), pretende recolher informação sobre idade, estado civil, escolaridade, nacionalidade (do próprio, do pai e da mãe), figuras com quem o sujeito passou a infância e adolescência, local de residência atual e estado profissional atual. Encontram-se ainda questões relativas à profissão atual e extensão de tempo em funções, bem como figuras com quem o sujeito vive atualmente. Adicionalmente, questiona-se o sujeito quanto à presença de figuras significativas na sua vida, quanto é que considera que pode contar com essas pessoas, quão importante é para o sujeito sentir essas pessoas próximas e se sente que necessitaria de um maior número de pessoas a apoiar-lo. Por último, ao nível das dimensões de pertença e

importância do grupo, interroga-se o sujeito quanto a encontrar-se, de momento, envolvido em algum tipo de grupo, identificação aos ideais do grupo, importância desses ideais na definição da identidade do sujeito, grau de importância do grupo na sua vida e fonte da autoestima.

### **3.2.2. Cenários de Identificação a Grupos**

Nesta segunda secção do protocolo, encontram-se cenários de identificação a grupos fanáticos e não-fanáticos. Na ausência de instrumentos que permitam considerar o nível de fanatismo dos sujeitos, foi criado este instrumento no qual se pretende que o sujeito identifique a natureza de cada grupo, referindo em qual se sentiria mais livre e de qual consideraria que seria mais fácil sair.

O instrumento em causa foi sujeito a um teste-piloto (anexo C), a partir de uma amostra de 37 indivíduos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 20-23 anos e oriundos da população normal, e revelou que 89.19% dos participantes identifica o grupo não-fanático como grupo onde se sentiria mais livre, e que 78.38% identifica o grupo não-fanático com grupo de onde seria mais fácil sair. Adicionalmente, mais de metade dos participantes é capaz de corretamente distinguir a natureza diferenciada dos grupos. Os resultados obtidos sustentam o recurso a este instrumento por forma a avaliar a capacidade dos sujeitos para distinguirem entre grupos fanáticos e não-fanáticos.

### **3.2.3. Multiple Stimulus Type Ambiguity Tolerance Scale (MSTAT-I; McLain, 1993)**

O MSTAT-I é instrumento construído para avaliar a tolerância de sujeitos face a estímulos ambíguos sujeitos a múltiplas e conflituosas interpretações (anexo D). Surge como resposta às lacunas psicométricas (MacDonald, 1970) frequentemente apontadas às escalas que visam a avaliação do construto. Neste sentido, a escala construída por McLain (1999) procura conciliar os múltiplos conceitos de ambiguidade e de tolerância existentes num mesmo construto, criando para tal uma medida em que a *tolerância à ambiguidade* é definida como um intervalo de reações ao estímulo ambíguo que varia entre a rejeição e a tolerância. Bors et al. (2010), numa revisão teórica das diversas escalas existentes para a medição da TA, aconselha a utilização da MSTAT-I face à escala de Budner (1962), comumente usada.

O MSTAT-I é um questionário composto por 22 itens, relativos a estímulos considerados complexos, novos, insolúveis, incertos, bem como geralmente percebidos como ambíguos (Arquero & McLain, 2010). Os itens seguem uma orientação do tipo *Likert* de 7 pontos, sendo compostos por 12 itens de polaridade positiva e 10 de polaridade negativa. O

resultado global do instrumento é obtido pelo somatório das respostas aos itens, sendo que resultados superiores representam menor capacidade do sujeito para tolerar a ambiguidade. De acordo com McLain (1993), a escala apresenta validade convergente (DeRoma, Martin & Kessler, 2003) com outras medidas de *tolerância à ambiguidade*, nomeadamente com a escala de Budner (1962) ( $\alpha$ .60), Storey & Aldag (1983) ( $\alpha$ .71) e MacDonald (1970) ( $\alpha$ .58). A escala apresenta ainda correlações positivas com os conceitos de *propensão ao risco* ( $\alpha$ .38), *recetividade/resistência à mudança* ( $\alpha$ .58), bem como correlações negativas com os domínios do *dogmatismo* ( $\alpha$ -.34), *fanatismo* e *personalidade autoritária*. O instrumento apresentou ainda uma correlação negativa com a dimensão *conflitos identitários* ( $\alpha$ -.32) numa amostra de moradores chineses a viver em Singapura (Leong & Ward, 2000). A análise fatorial do MSTAT-I suporta uma organização unidimensional, composta pelo fator *tolerância à ambiguidade geral*. Numa amostra de estudantes universitários, o instrumento apresenta um valor de .86 para o coeficiente de alfa de Cronbach.

#### **3.2.4. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM; Matos & Costa, 2001 – versão revista)**

O Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (anexo E) é um instrumento de autorrelato que incide sobre a perceção de adolescentes e jovens adultos face à qualidade do vínculo afetivo com cada uma das figuras parentais, de acordo com os modelos teóricos avançado por Bowlby (1982) e Ainsworth (1982).

O QVPM é um questionário composto por 30 itens, relativos a afirmações com os quais os indivíduos se poderão identificar em diferentes graus, revelando a representação feita de cada membro parental. A resposta aos itens é dada através de uma escala de *Likert* de 6 pontos e distribui-se de acordo com três dimensões: *Qualidade do Laço Emocional (QLE)*, *Inibição da Exploração e Individualidade (IEI)* e *Ansiedade de Separação e Dependência (ASD)* (Gouveia, 2013). A dimensão (QLE) remete à importância percebida da figura parental enquanto figura de vinculação e de suporte em situações de dificuldade. Por sua vez, a dimensão (IEI) diz respeito à perceção que o sujeito tem sobre as suas possibilidades de expressão da individualidade própria. Por último, a dimensão (ASD) refere o experimentar de sintomas de ansiedade e de medo face à separação da figura parental. Não é possível obter um valor único de vinculação, sendo antes alcançada uma média para cada dimensão, de acordo com uma estrutural tridimensional da vinculação a cada uma das figuras parentais.

Matos & Costa (2006) evidenciam os aspetos de viabilidade e fiabilidade do instrumento apresentado, destacando-se, na versão *Pai*, coeficientes de alfa de Cronbach de .94 para o fator QLE, .79 par IEI e .86 para a dimensão ASD (Moura & Matos, 2008).

### **3.2.5. Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory (MEPSI; Darling-Fisher & Leidy, 1988)**

A Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory (anexo F) surge a partir do desenvolvimento da Erikson Psychosocial Stage Inventory (Rosenthal, Gurney & Moore, 1981), que visava a apreciação dos seis primeiros estádios de desenvolvimento do ciclo de vida proposto por Erikson, aos quais foram acrescentados dois novos estádios, *Generatividade vs. Estagnação* e *Integridade vs. Desespero*. O instrumento em questão pretende a compreensão do nível de desenvolvimento psicossocial do sujeito, sendo que, para efeitos da presente investigação, e dada a possibilidade da utilização parcial de escalas, se consideram apenas as dimensões referentes aos conflitos *Identidade vs. Confusão de Identidade* e *Intimidade vs. Isolamento*.

A MEMPSI é um questionário composto por 80 itens, relativos a afirmações construídas positiva e negativamente, com os quais os indivíduos se poderão identificar em diferentes graus, revelando a força do seu desenvolvimento psicossocial em cada dimensão do ciclo de desenvolvimento proposto por Erikson. Cada subescala é composta por 10 itens, 5 positivos e 5 negativos, sendo o resultado da subescala obtido através da reversão dos valores dos itens negativos, seguida do cálculo da média. Quanto maior o resultado, maior a predominância de atributos positivos resultantes da correta resolução do conflito desenvolvimentista (Darling-Fisher & Leidy, 1988).

O instrumento apresenta um coeficiente de alfa global de .97, correspondente aos oito estádios de desenvolvimento propostos por Erikson, e coeficientes de alfa .85 e .75 para os domínios da *Identidade* e *Intimidade*, respetivamente. Os valores de coeficiente de alfa obtidos por Darling-Fisher & Leidy (1988), foram validados na revisão efetuada por Morrissey (2004), sendo estes de .77-.88 e .61-.88, para as subescalas *Identidade vs. Confusão de Identidade* e *Intimidade vs. Isolamento*, respetivamente. Os valores obtidos demonstram superioridade psicométrica da MEMPSI face à Erikson Psychosocial Stage Inventory (Rosenthal et al., 1981).

### **3.2.6. Dogmatism Scale (DOG Scale, Altemeyer, 2002)**

A Dogmatism Scale (anexo G) é um instrumento de autorrelato que pretende desafiar os sujeitos a refletirem sobre o grau de certeza que depositam nas suas crenças, opinião sobre a

manutenção de um sistema de crenças aberto e a probabilidade de as suas crenças mudarem no futuro (Crowson, 2009).

O questionário é composto por 22 itens, sendo dois de treino, relativos a afirmações com as quais os indivíduos se poderão identificar em diferentes graus, revelando a força e rigidez das suas crenças e opiniões pessoais. A resposta aos itens é dada através de uma escala Stapel, que varia entre -4 (*Discordo totalmente da afirmação*) e +4 (*Concordo totalmente com a afirmação*).

A DOG Scale funciona de acordo com um modelo unidimensional, constituindo uma medida de *dogmatismo* geral. O resultado global é obtido pelo somatório de todas as respostas ao instrumento, seguido do cálculo da média, sendo que quanto maior for o resultado, maior será o nível de dogmatismo apresentado pelo sujeito. Ao nível da consistência interna, Altemeyer (2002) reporta a obtenção de um coeficiente de alfa de .88 (para uma amostra de estudantes) e .89 (para uma amostra de pais), consistentes com os coeficientes de alfa de .90 e .93 obtidos por Cronbach (Crowson, DeBacker & Davis, 2008). Em termos de validade convergente e discriminativa, a DOG Scale apresenta correlações positivas com medidas de fundamentalismo, conservadorismo, crenças de que o mundo é perigoso ( $\alpha$ .31), intolerância e agressividade face a visões diferentes do mundo ( $\alpha$ .76), orientação para a missão ( $\alpha$ .41), nacionalismo ( $\alpha$ .39), fundamentalismo religioso ( $\alpha$ .61), orientação para o domínio social ( $\alpha$ .43) e perceção de que a missão de vida do sujeito é persuadir os outros a adotar as suas visões e perspetivas ( $\alpha$ .68) (Crowson, 2009).

### **3.3. Procedimento**

Contactámos os autores dos instrumentos de medida selecionados para aplicação e tradução. Não tendo sido possível obter uma resposta por parte de todos, obtivemos ainda assim consentimento para a realização do processo de adaptação das medidas MSTAT-I e MEPSI. Os autores acompanharam igualmente as etapas de tradução, retroversão e esclarecimento de dúvidas, fornecendo pacotes explicativos para uma correta tradução dos instrumentos.

Face às dificuldades práticas e aos constrangimentos éticos na abordagem a sujeitos fanáticos, bem como à inexistência de instrumentos que permitam avaliar o grau de fanatismo dos mesmos, criaram-se Cenários de Identificação a Grupos (fanáticos e não-fanáticos) como medida de aproximação ao construto. Os mesmos foram elaborados com base em pesquisas teóricas dos domínios clínico e social da Psicologia, e foram alvo de discussão com a orientadora de tese, tendo sido posteriormente sujeitos a teste-piloto.

O questionário sociodemográfico, os Cenários de Identificação a Grupos e as versões finais dos instrumentos foram incluídas num caderno de protocolo.

Convidámos os participantes a colaborar na investigação de forma voluntária, mediante consentimento informando e com a garantia de confidencialidade, através de um link partilhado nas redes sociais. As colaborações tiveram uma duração de cerca de 20min.

### **3.4. Procedimentos Estatísticos**

Os procedimentos estatísticos selecionados pretenderam cumprir dois objetivos: investigar as qualidades psicométricas das medidas desenvolvidas e compreender o fenómeno do fanatismo, a partir de dimensões próximas e potencialmente integradoras, de natureza cognitiva e relacional, do construto.

Para testar as diversas hipóteses enunciadas, foi decidido aceitar ou rejeitar a hipótese numa com base no nível de significância ( $\alpha \leq 0,05$ ). O coeficiente de correlação de Pearson foi utilizado para a testar a correlação entre variáveis quantitativas e o coeficiente de correlação bisserial por pontos para a associação entre variáveis métricas e dicotómicas). Por forma a analisar as diferenças entre dois grupos em variáveis do tipo quantitativo recorreu-se ao teste t de Student para amostras independentes. As diferenças entre mais de dois grupos em variáveis de tipo quantitativo foram estudadas com recurso ao teste Anova One-Way.

Nas situações em que a dimensão das amostras era superior a 30 sujeitos aceitou-se, segundo o Teorema do Limite Central, a normalidade da distribuição. Nos casos em que a homogeneidade não se encontrava satisfeita recorreremos ao teste t de Student ou Anova One-Way com correção de Welch. Adicionalmente, recorreremos ao modelo de regressão linear múltipla e regressão linear múltipla hierárquica. Os pressupostos do modelo, nomeadamente a linearidade da relação entre as variáveis independentes e variável dependente, a independência de resíduos, a normalidade dos resíduos, multicolinearidade e homogeneidade de variâncias foram previamente analisados e encontravam-se satisfeitos.

A análise estatística foi efetuada com o SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 24.0 para Windows.

## **4. Resultados**

### **4.1. Estudo da Estrutura Fatorial das Medidas**

#### **4.1.1. Medida de Tolerância à Ambiguidade**

- Qualidades Psicométricas da MSTAT-I – *Multiple Stimulus Ambiguity Scale*

Previamente à análise de componentes principais, a adequação da medida para análise fatorial foi verificada. O estudo da matriz correlacional revelou a presença de diversos coeficientes de .3 ou superiores. O valor para a medida de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin obtido foi de .65, excedendo o valor recomendado de .6 (Kaiser, 1974) e o valor para o Teste de Esfericidade de Bartlett (1954) alcançou significância estatística, suportando a análise fatorial da medida.

A MSTAT-I apresenta um valor de  $\alpha$  de Cronbach de .82 (N=77) e correlações item-total corrigidas que variam entre .06 e .66. Os resultados obtidos apontam para bons níveis de consistência interna desta medida, contudo que indicam que alguns dos itens poderão ter perdido robustez ou adquirido maior ambiguidade com a tradução efetuada.

A análise fatorial exploratória com rotação Varimax permitiu extrair 6 factores com *eigenvalue* superiores a 1, sendo que os três primeiros explicam 53% da variância total. Embora este resultado não confirme o estudado pelo autor, que apresentou a medida com sendo de fator único (medida de tolerância à ambiguidade generalizada), aproxima-se do reportado por Kornilova & Kornilov (2013) que, através do recurso a modelos de equações estruturais, demonstraram que o domínio tolerância ou intolerância à incerteza é melhor conceptualizado como sendo composto por pelo menos duas dimensões, manifestas sob a forma de intolerância à incerteza e tolerância à certeza. Pela proximidade dos domínios da tolerância/intolerância à ambiguidade e tolerância/intolerância à incerteza, propomos que um fenómeno semelhante se verifique aqui. A análise dos itens que saturam no primeiro, segundo terceiro e quarto fator apresentam compreensibilidade para aparecerem separados. Isto porque, os itens que compõem o fator 1 dizem respeito às atitudes e sentimentos face à resolução de problemas complexos e ambíguos, os itens relativos ao fator 2 dão conta da preferência pelo que é familiar, ao passo que os itens referentes ao fator 3 remetem para a resposta face à incerteza e, por último, o fator 4 aponta para a tolerância e procura de situações e estímulos ambíguos. Esta solução parece ser superior à obtida em análise fatorial com uma solução de 1 fator (PCA rotação *Varimax*), réplica do modelo de análise do autor, que apresentou um fator com um *eigenvalue* de 5.53 a dar conta de 25.1% da variância e cujos itens estão associados à dimensão atitudes e sentimentos face à resolução de problemas complexos e ambíguos.

#### **4.1.2. Medida de Vinculação ao Pai**

- Qualidades Psicométricas do QVPM – *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (versão revista)*

Previamente à análise de componentes principais, a adequação da medida para análise fatorial foi verificada. O estudo da matriz correlacional revelou a presença de diversos coeficientes de .3 ou superiores. O valor para a medida de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin obtido foi de .79, excedendo o valor recomendado de .6 (Kaiser, 1974) e o valor para o Teste de Esfericidade de Barlett (1954) alcançou significância estatística, suportando a análise fatorial da medida.

O QVPM foi utilizado de forma parcial, remetendo-nos somente à dimensão “Pai”. Como indicado pelas autoras, a sua apreciação deve ser feita de acordo com um modelo tridimensional, sendo que apresenta valores de  $\alpha$  de Cronbach de .88 (N=77) para a dimensão IEI – *Inibição da Exploração e Individualidade*,  $\alpha$  .92 (N=77) para a dimensão QLE – *Qualidade do Laço Emocional* e  $\alpha$  .87 (N=77) para a dimensão ASD – *Ansiedade de Separação e Dependência*. As correlações item-total corrigidas variam entre .46 e .75 (IEI), .59 e .77 (QLE) e .40 e .68 (ASD). Os valores de alfa de Cronbach obtidos superam aqueles registrados por Moura et al. (2008) nas dimensões IEI ( $\alpha$  .79) e ASD ( $\alpha$  .86), sendo inferior o valor registrado para a dimensão QLE ( $\alpha$  .94). Os resultados obtidos apontam para bons níveis de consistência interna desta medida.

Uma análise fatorial exploratória permitiu extrair 6 factores com *eigenvalue* superiores a 1, sendo que os dois primeiros explicam 48.1% da variância total. O estudo do *screeplot* revelou uma clara quebra após o terceiro componente. Realizando uma análise fatorial com uma solução de 3 factores (PCA rotação *Varimax*) que replicasse o modelo de análise das autoras, encontrámos um fator com um *eigenvalue* de 8.2 a dar conta de 27.3% da variância e que remete à dimensão qualidade do laço emocional, um segundo fator com um *eigenvalue* de 6.2, a dar conta de 20.8% da variância e cujos itens estão associados à dimensão ansiedade de separação e dependência, e um terceiro fator com um *eigenvalue* de 2.3, a dar conta de 7.8% da variância e englobando os itens referentes a inibição da exploração e da individualidade. Tomando em consideração que os três factores juntos ajudam a explicar 55.9% da variância total e que remetem de forma consistente à estrutura original da medida, os resultados do estudo empírico parecem seguir a mesma linha tridimensional encontrada na análise fatorial conduzida pelas autoras.

- Validade Convergente das subescalas IEI, QLE e ASD

Para o estudo da validade da medida, tivemos em conta as correlações entre os valores globais e as subescalas *Inibição da Exploração e Individualidade*, *Qualidade do Laço Emocional* e *Ansiedade de Separação e Dependência*.

Foram calculados os valores referentes aos coeficientes de Pearson para as subescalas IEI, QLE e ASD. Os resultados obtidos revelam a existência de uma correlação negativa fraca entre as subescalas IEI e QLE ( $r = -.38, p < .001$ ), com maiores níveis de inibição da exploração e da individualidade na relação com o pai a associar-se menores níveis de qualidade do laço emocional na relação com o pai; e de uma correlação positiva moderada entre as subescalas QLE e ASD ( $r = -.45, p < .001$ ), com maiores níveis de qualidade do laço emocional na relação com o pai a associarem-se a maiores níveis de ansiedade de separação e dependência na relação com o pai. Encontrou-se, ainda, uma correlação significativa, negativa e fraca entre as subescalas IEI e ASD ( $r = .27, p < .05$ ), com maiores níveis de inibição da exploração e da individualidade na relação com o pai a associar-se a maiores níveis de ansiedade de separação e dependência na relação com o pai.

#### 4.1.3. Medida de Desenvolvimento Psicossocial

- Qualidades Psicométricas da MEPSI – *Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory*

Previamente à análise de componentes principais, a adequação da medida para análise fatorial foi verificada. O estudo da matriz correlacional revelou a presença de diversos coeficientes de .3 ou superiores. O valor para a medida de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin obtido foi de .69, excedendo o valor recomendado de .6 (Kaiser, 1974) e o valor para o Teste de Esfericidade de Barlett (1954) alcançou significância estatística, suportando a análise fatorial da medida.

A MEPSI apresenta um valor de  $\alpha$  de Cronbach geral de .82 (N=77) e correlações item-total corrigidas que variam entre .03 e .55. Nas subescalas de identidade os valores de consistência são de .75 e na subescala de intimidade são de .69. Os resultados obtidos para os níveis de consistência interna da medida revelaram-se inferiores face aos reportados no estudo original, sendo os valores destes últimos  $\alpha$  0.97 para a escala total,  $\alpha$  .85 para a subescala de identidade e  $\alpha$  .75 para a subescala de intimidade. Os resultados obtidos apontam para níveis satisfatórios de consistência interna desta medida, contudo indicam que alguns dos itens poderão ter perdido robustez ou adquirido maior ambiguidade com a tradução efetuada.

Uma análise fatorial exploratória permitiu extrair 5 factores com *eigenvalue* superiores a 1, sendo que os dois primeiros explicam 39.4% da variância total. O estudo do *screeplot* revelou uma clara quebra após o segundo componente. Realizando uma análise fatorial com uma solução de 2 factores (PCA rotação *Varimax*) que replicasse o modelo de análise das

autoras, encontramos um fator com um *eigenvalue* de 5 a dar conta de 24.8% da variância e que remete à dimensão envolvimento com os outros (intimidade) e um segundo fator com um *eigenvalue* de 2.9, a explicar 14.6% da variância e cujos itens estão associados à dimensão identidade. Apesar da extração de 5 factores com *eigenvalue* superiores a 1, os dois primeiros factores, que juntos explicam 39.6% da variância, expressam de forma mais coerente a estrutura teórica subjacente à construção das subescalas.

- Validade Convergente das subescalas Identidade e Intimidade

Para o estudo da validade da medida, tivemos em conta as correlações entre os valores globais e as subescalas *Identidade* e *Intimidade*.

O cálculo do coeficiente de correlação de Pearson demonstrou, à semelhança do expectável para escalas que medem construtos semelhantes, a presença de uma correlação significativa, positiva e forte entre as subescalas ( $r = .63$ ,  $p < .01$ ), admitindo-se que maiores níveis de predominância de atributos positivos na subescala Identidade surjam associados a maiores níveis de predominância de atributos positivos na subescala de Intimidade.

#### **4.1.4. Medida de Dogmatismo**

- Qualidades Psicométricas da DOGS – *DOG Scale*

Previamente à análise de componentes principais, a adequação da medida para análise fatorial foi verificada. O estudo da matriz correlacional revelou a presença de diversos coeficientes de .3 ou superiores. O valor para a medida de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin obtido foi de .75, excedendo o valor recomendado de .6 (Kaiser, 1974) e o valor para o Teste de Esfericidade de Barlett (1954) alcançou significância estatística, suportando a análise fatorial da medida.

A *DOG Scale* apresenta um valor de  $\alpha$  de Cronbach geral de .79 (N=77) e correlações item-total corrigidas que variam entre .18 e .49. Os resultados obtidos apontam, uma vez mais, para níveis satisfatórios de consistência interna desta medida, contudo indicam que, à semelhança do verificado em medidas anteriores, alguns dos itens poderão ter adquirido maior ambiguidade face original com a tradução efetuada.

Uma análise fatorial exploratória permitiu extrair 5 factores com *eigenvalue* superiores a 1, sendo que os dois primeiros explicam 45.4% da variância total. O estudo do *screeplot* revelou uma clara quebra após o terceiro componente. Realizando uma análise fatorial com uma solução de 1 fator (PCA rotação *Varimax*) que replicasse o modelo de análise do autor, encontramos um fator com um *eigenvalue* de 5.5 a dar conta de 27.5% da variância e que remete

às dimensões de rigidez de pensamento, pensamento tudo-ou-nada e dogmatismo. Os resultados empíricos não suportam a estrutura unidimensional reportada pelo estudo do autor, pelo que os dados sugerem uma estrutura tridimensional, composta por um primeiro fator que explica 27.5% da variância e expressa dimensões de rigidez de pensamento e dogmatismo, um segundo fator que dá conta de 17.8% da variância e que remete à dimensão da flexibilidade de pensamento e um terceiro fator que dá conta de 8.8% da variância e remete à dimensão de pensamento tudo-ou-nada.

O estudo das medidas permitiu-nos concluir pela adequabilidade destas aos objetivos de investigação. Contudo, reconhecem-se limitações inerentes ao facto de constituírem medidas de autoavaliação, bem como o potencial aumento de ambiguidade na tradução dos instrumentos para língua portuguesa.

## **4.2. Análise dos Resultados**

Num primeiro conjunto de análises procedemos ao cálculo dos coeficientes de correlação das variáveis relevantes para o nosso estudo.

### **4.2.1. Coeficientes de Correlação**

Como referido anteriormente, nas situações em que a dimensão das amostras era superior a 30 sujeitos, aceitou-se a normalidade da distribuição de acordo com o teorema do limite central.

### **Tolerância à Ambiguidade, Vinculação ao Pai e Desenvolvimento Psicossocial**

O quadro 1 mostra os resultados do cálculo dos coeficientes de correlação de Pearson para o estudo das associações entre as dimensões de tolerância à ambiguidade, vinculação ao pai e desenvolvimento psicossocial.

Quadro 1. *Correlações entre a Tolerância à Ambiguidade, Vinculação ao Pai e Desenvolvimento Psicossocial*

	MSTAT-I	IEI	QLE	ASD	DP
MSTAT-I		.33**	-.03	.32**	-.49**
IEI	.33**		-.38**	.27*	-.39**
QLE	-.03	-.38**		.45**	.14
ASD	.32**	.27*	.45**		-.28*
DP	.49**	-.39**	.14	-.28*	

\*  $p \leq 0.05$  \*\*  $p \leq 0.01$

O cálculo dos coeficientes de correlação de Pearson para o estudo das associações entre as variáveis revela a presença de uma correlação significativa, positiva e moderada ( $r = .33$ ,  $p < .01$ ) entre a escala MSTAT-I e a subescala IEI, com maiores níveis de tolerância à ambiguidade a associarem-se a menores níveis de inibição da exploração e da individualidade na relação com o pai. Verifica-se, igualmente, a presença de uma correlação significativa, positiva e moderada ( $r = .32$ ,  $p < .01$ ) entre a escala MSTAT-I e a subescala ASD, com maiores níveis de tolerância à ambiguidade a associarem-se a menores níveis de ansiedade de separação e dependência na relação com o pai.

Na mesma linha, verifica-se a presença de uma correlação significativa, negativa e moderada ( $r = -.49$ ,  $p < .01$ ) entre a escala MSTAT-I e o desenvolvimento psicossocial, com maiores níveis de tolerância à ambiguidade a associarem-se a maiores níveis de desenvolvimento psicossocial.

Adicionalmente, verifica-se a presença de uma associação significativa, negativa e moderada entre a subescala IEI e o desenvolvimento psicossocial ( $r = -.39$ ,  $p < .01$ ), com maiores níveis de inibição da exploração e da individualidade na relação com o pai a associarem-se a menores níveis de desenvolvimento psicossocial. É igualmente visível no Quadro 1 a existência de uma correlação significativa, negativa e fraca entre a subescala ASD e o desenvolvimento psicossocial ( $r = -.28$ ,  $p < .05$ ), com maiores níveis de ansiedade de separação e dependência face ao pai a associarem-se a menores níveis de desenvolvimento psicossocial. Não se verifica a existência de uma associação significativa entre a QLE e o desenvolvimento psicossocial.

### **Dogmatismo, Adesão ao Grupo, Capacidade para Distinguir entre Grupos Fanáticos e Não-Fanáticos e Propensão para o Fanatismo**

O quadro 2 mostra os resultados do cálculo dos coeficientes de correlação de Pearson para o estudo das associações entre as dimensões de dogmatismo, adesão ao grupo, capacidade para distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos e propensão para o fanatismo.

Quadro 2. *Correlações entre o nível de Dogmatismo, Adesão ao Grupo, Capacidade para Distinguir entre Grupos Fanáticos e Não-Fanáticos e Propensão para o Fanatismo*

	DOG	AG	CD	PF
DOG		-.05	.06	.30**
AG	-.05		.05	.71**
CD	.06	.05		.68**
PF	.30**	.71**	.68**	

\*  $p \leq 0.05$  \*\*  $p \leq 0.01$

Da análise do quadro 2, compreende-se a existência de correlações significativas, positivas, moderadas e fortes entre as variáveis sinalizadoras e o nível de propensão para o fanatismo. Tem-se uma correlação moderada entre o nível de dogmatismo e a propensão para o fanatismo, bem como correlações fortes entre os níveis de adesão ao grupo e capacidade para distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos e o nível de propensão para o fanatismo. Não obstante, uma vez que a variável PF foi obtida pela conjugação dos resultados das variáveis sinalizadoras, este resultado não é surpreendente.

### **Tolerância à Ambiguidade, Dogmatismo, Adesão ao Grupo e Propensão para o Fanatismo**

O quadro 3 mostra os resultados do cálculo dos coeficientes de correlação de Pearson para o estudo das associações entre as dimensões de tolerância à ambiguidade, dogmatismo, adesão ao grupo e propensão para o fanatismo.

Quadro 3. *Correlações entre a Tolerância à Ambiguidade, Dogmatismo, Adesão ao Grupo e Não-Fanáticos e Propensão para o Fanatismo*

	DOG	AG	PF
MSTAT-I	.27*	.05	.10

\*  $p \leq 0.05$

Tem-se como hipóteses a existência de uma associação entre o nível de tolerância dos sujeitos e o seu nível de dogmatismo e ainda com o seu nível de adesão ao grupo. O cálculo do coeficiente de Pearson para o estudo das associações revelou apenas a presença de uma correlação significativa, positiva e fraca ( $r = .27$   $p < .05$ ) entre a MSTAT-I e a DOG Scale, sendo que a maiores níveis de tolerância à ambiguidade se associam menores níveis de dogmatismo. Não se verificam associações adicionais.

### **Vinculação ao pai, Dogmatismo, Adesão ao Grupo, Capacidade para Distinguir entre Grupos Fanáticos e Não-Fanáticos e Propensão para o Fanatismo**

O quadro 4 mostra os resultados do cálculo dos coeficientes de correlação de Pearson para o estudo das associações entre a vinculação ao pai, dogmatismo, adesão ao grupo, capacidade para distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos e propensão para o fanatismo.

Quadro 4. *Correlações entre a Vinculação ao Pai, Dogmatismo, Capacidade para Distinguir entre Grupos Fanáticos e Não-Fanáticos e Propensão para o Fanatismo*

	DOG	AG	CD	PF
IEI	.13	-.03	-.23*	.16
QLE	.29**	-.00	-.19	-.03
ASD	.22	.15	.14	.25*

\*  $p \leq 0.05$  \*\*  $p \leq 0.01$

A subescala IEI surge associada à capacidade para distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos ( $r = -.23$ ,  $p < .05$ ), com maiores níveis de inibição e exploração da individualidade na relação com o pai a associarem-se a uma menor capacidade de identificação e distinguir entre grupos de natureza fanática e não fanática. Apura-se a existência de uma associação significativa, positiva e fraca (embora muito próxima do nível moderado) a entre a subescala QLE e o nível de dogmatismo ( $r = .29$ ,  $p < .01$ ), com maiores níveis de qualidade do laço emocional na relação com o pai a associarem-se a maiores níveis de dogmatismo. Por fim, os resultados obtidos indicam a presença de uma correlação significativa, positiva e fraca ( $r = .25$ ,  $p < .05$ ) entre a subescala ASD e a propensão para o fanatismo, com maiores níveis de ansiedade de separação e dependência na relação com o pai a associarem-se a maior predominância para o fanatismo. Não se verificam associações adicionais.

## **Desenvolvimento Psicossocial, Dogmatismo, Adesão ao Grupo, Capacidade para Distinguir entre Grupos Fanáticos e Não-Fanáticos e Propensão para o Fanatismo**

O quadro 5 mostra os resultados do cálculo dos coeficientes de correlação de Pearson para o estudo das associações entre as dimensões de desenvolvimento psicossocial, dogmatismo, adesão ao grupo, capacidade para distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos e propensão para o fanatismo.

Quadro 5. *Correlações entre o Desenvolvimento Psicossocial, Dogmatismo, Adesão ao Grupo, Capacidade para Distinguir entre Grupos Fanáticos e Não-Fanáticos e Propensão para o Fanatismo*

	DOG	AG	CD	PF
DP	0.28	.16	-.69	.08

\*  $p \leq 0.05$  \*\*  $p \leq 0.01$

Estipulámos que o nível de desenvolvimento psicossocial se encontraria diretamente associado ao nível de dogmatismo, grau de adesão ao grupo e capacidade para distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos. O cálculo dos coeficientes de correlação de Pearson não revela a existência de qualquer correlação significativa.

### **Variáveis Sociodemográficas**

Para o estudo das correlações respeitantes às variáveis sociodemográficas relevantes, procedemos ao cálculo dos coeficientes bisseriais por pontos. Por forma a não sobrecarregar o texto, apresentamos apenas os resultados significativos para a dimensão propensão para o fanatismo (quadro 6).

### **Presença real do pai na infância e na adolescência**

Quadro 6. *Correlações entre a Presença real do pai na infância e na adolescência e a Propensão para o Fanatismo*

	Presença real do pai na infância	Presença real do pai na adolescência
PF	-.32*	-.17

\*  $p \leq 0.05$  \*\*  $p \leq 0.01$

Quanto à presença real do pai na infância, verifica-se a existência de uma associação negativa moderada com o nível de propensão para o fanatismo ( $r = -.32$ ,  $p < .05$ ), com a

passagem de categoria ausência real do pai para presença real do pai na infância a associar-se a menores níveis de propensão para o fanatismo.

Relativamente à presença real do pai na adolescência, não se regista a presença de qualquer associação significativa.

### **Cenários de Identificação a Grupos (1 e 2)**

O quadro 7 mostra os resultados do cálculo dos coeficientes da correlação bisserial por pontos para o estudo das associações entre as dimensões de tolerância à ambiguidade, dogmatismo, adesão ao grupo e propensão para o fanatismo.

Quadro 7. *Correlações entre os Cenários de Identificação a Grupos (1 e 2) e a Propensão para o Fanatismo*

	Cenário de Identificação 1	Cenário de Identificação 2
PF	-.00	-.30**

\*\*  $p \leq 0.01$

Para o CI (1) não se verifica a presença de uma correlação significativa com o nível de propensão para o fanatismo.

Para o CI (2) verifica-se a presença de uma correlação significativa, negativa e moderada com a propensão para o fanatismo ( $r = -.30$ ,  $p < .01$ ), com a passagem de categoria grupo fanático para grupo não fanático a associar-se a menores níveis de PF.

### **4.2.2. Comparação entre grupos**

O quadro 8 mostra os resultados dos cálculos para o estudo da variância nos resultados de tolerância à ambiguidade, adesão ao grupo e capacidade para distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos para os diferentes níveis de propensão para o fanatismo.

## Propensão para o Fanatismo

Quadro 8. *Propensão para o fanatismo: comparação entre grupos*

	Baixa PF		Moderada PF		Elevada PF		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
MSTAT-I	83.80	8.63	81.94	7.43	92.50	7.33	3.509*
AG	1.53	1.19	3.93	2.00	6.33	.77	57.39***
CD	2.10	1.18	4.35	1.77	6.38	.63	23.10***

\*  $p \leq .05$  \*\*\*  $p \leq .001$

Os participantes foram divididos em três grupos de acordo com os resultados obtidos para a dimensão propensão para o fanatismo (Grupo 1:  $< 6$  – baixa PF; Grupo 2:  $6 - 11.99$  – moderada PF; Grupo 3:  $> 12$  – elevada PF). O nível de tolerância à ambiguidade só é significativamente diferente entre o grupo Moderada PF e Elevada PF (MSTAT-I –  $F(2, 75) = 3.509$ ,  $p < .05$ ), sendo que o grupo Elevada PF (M = 92.50, DP = 7.33) obteve o valor mais elevado na escala MSTAT-I, o que expressa menor tolerância à ambiguidade, seguido do grupo Baixa PF (M = 83.80, DP = 8.63) e do grupo Moderada PF (M = 81.94, DP = 7.43). Não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos Baixa PF e Moderada PF, bem como Baixa PF e Elevada PF.

Uma vez que o pressuposto da homogeneidade de variâncias foi violado para o cálculo do impacto do nível de adesão ao grupo na propensão para o fanatismo, procedeu-se ao cálculo do valor de F de Welch. O nível de adesão ao grupo é significativamente diferente nos três grupos (AG –  $F(2, 11.018) = 57.39$ ,  $p = .000$ ), sendo que o grupo Elevada PF obtém o valor mais elevado (M = 6.33, DP = .77), seguido do grupo Moderada PF (M = 3.93, DP = 2.00) e do grupo Baixa PF (M = 1.53, DP = 1.19).

Na mesma linha, o nível de capacidade para distinguir entre grupos é também significativamente diferente nos três grupos (CD –  $F(2, 75) = 23.100$ ,  $p = .000$ ), com o grupo Elevada PF (M = 6.38, DP = .63) a obter o valor mais elevado.

## Propensão para o Fanatismo e Variáveis Sociodemográficas

O quadro 9 mostra os resultados dos cálculos do teste t de Student para o estudo da variância nos resultados de propensão para o fanatismo para os grupos de presença e ausência real do pai na infância. Por forma a não sobrecarregar esta secção do nosso estudo, apresentam-se somente as variáveis para as quais foram encontradas diferenças significativas.

Quadro 9. *Presença real do pai na infância: comparação entre grupos*

	Ausência		Presença		<i>t</i>	<i>df</i>
	M	DP	M	DP		
PF	11	4.89	6.91	2.85	2.92*	77

\* =  $p \leq .05$

Os resultados da aplicação do teste t de Student para a presença real do pai na infância demonstraram a existência de diferenças significativas nos resultados referentes à propensão para o fanatismo para indivíduos com ausência do pai na infância (M = 11, DP = 4.89) e para indivíduos com presença do pai na infância (M = 6.91, DP = 2.85,  $t(77) = 2.92$ ,  $p < .05$ ). Neste sentido, indivíduos com presença real do pai na infância apresentam menores níveis de propensão para o fanatismo, do que indivíduos com ausência real do pai na infância.

O quadro 10 mostra os resultados dos cálculos do t test para o estudo da variância nos resultados de propensão para o fanatismo para a escolha do grupo fanático e do grupo não fanático no cenário de identificação de grupos (2).

Quadro 10. *Cenário de Identificação de Grupos 2: comparação entre grupos*

	A		B		<i>t</i>	<i>df</i>
	M	DP	M	DP		
PF	8.65	3.07	6.58	2.99	2.73*	77

\* =  $p \leq .05$

Quanto ao estudo das diferenças significativas para os Cenários de Identificação (2), inferiu-se a presença de diferenças significativas nos resultados obtidos para a dimensão propensão para o fanatismo para a escolha do grupo de identificação (A) como grupo do qual o sujeito considerou ser mais fácil sair (M = 8.65, SD = 3.07) e grupo de identificação (B) como grupo do qual o sujeito considerou ser mais fácil sair (M = 6.58, SD = 2.99;  $t(77) = 2.73$ ,  $p < .05$ ).

#### 4.2.3. Preditores da Propensão para o Fanatismo

Para conhecer o valor explicativo das variáveis: tolerância à ambiguidade, vinculação ao pai e desenvolvimento psicossocial usamos um modelo de regressão múltipla, do qual apresentamos a seguir os resultados que encontramos com significância estatística (Quadro 11).

Quadro 11. *Preditores do nível de Propensão para o Fanatismo*

Variáveis Independentes	Propensão para o Fanatismo	
	$\beta$	SE
Constante	-.935	6.317
TA	0.34	0.51
IEI	.176	.468
QLE	-.747	.555
ASD	1.224	.492
DP	1.523	.749
	R <sup>2</sup>	.139
	F	2.301

\*p≤0.05 \*\*p≤0.01 \*\*\*p≤0.001

O modelo de regressão proposto não explica a variância da variável PF com resultados significativos. Verifica-se a ausência de resultados significativos de tolerância à ambiguidade, vinculação ao pai e desenvolvimento psicossocial como preditores dos valores de propensão para o fanatismo. Optámos, em seguida, por aplicar uma nova regressão múltipla, desta feita criando um modelo que tomasse em consideração as variáveis sociodemográficas relevantes (Quadro 12).

Quadro 12. *Regressão Linear Múltipla – preditores do nível de Propensão para o Fanatismo*

Variáveis Independentes	$\Delta R^2$	Propensão para o Fanatismo	
		$\beta$	SE
Passo 1	.111		.393
IEI		.552	.393
ASD		.870*	.382
DP		1.239	.692
Passo 2	.153		
IEI		.540	.381
ASD		.633	.384
DP		1.131	.673
PPI		-3.507*	1.339
CI (2)		-2.077**	.707
	R <sup>2</sup> total	.264	
	F	5.093***	

\*p≤0.05 \*\*p≤0.01 \*\*\*p≤0.001

No total, as variáveis inibição da exploração e da individuação e ansiedade na relação com o pai, nível de desenvolvimento psicossocial, presença real do pai na infância e cenário de

identificação (2), explicam 26.4% da variância total da propensão para o Fanatismo, sendo que as variáveis IEI, ASD e DP, por si só, explicam 11.1%, sendo o coeficiente de regressão da variável ASD significativo,  $\beta = 0.870$ ,  $t(77) = 2.277$ ,  $p = .026$ . Como o coeficiente de regressão é positivo, isso significa que quanto mais elevado é o nível de ASD maior é o nível de propensão para o fanatismo. Por outro lado, uma vez que os coeficientes de regressão para as variáveis presença real do pai na infância e cenário de identificação (2) são negativos,  $\beta = -3.507$ ,  $t(77) = -2.619$ ,  $p = .011$  e  $\beta = -2.077$ ,  $t(77) = -2.940$ ,  $p = .004$ , respetivamente, a passagem de categoria presença para ausência real do pai na infância e de escolha do grupo não-fanático para escolha do grupo fanático representam maiores níveis de propensão para o fanatismo.

## 5. Discussão

Principiamos o nosso estudo correlacional pela apreciação das hipóteses de que as dimensões de tolerância à ambiguidade; vinculação ao pai, expressa no sentido da inibição da exploração e da individualidade; qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência na relação com o pai, e ainda de desenvolvimento psicossocial, como expressas nos domínios da identidade e da intimidade, se encontrariam correlacionadas.

O primeiro conjunto de hipóteses pressupõe a existência de associações entre a tolerância à ambiguidade e as subdimensões inibição da exploração e da individualidade e ansiedade de separação e dependência, referentes à vinculação ao pai. Verifica-se a presença de correlações significativas, negativas e moderadas com os níveis de inibição da exploração e da individualidade e ansiedade e dependência na relação com o pai. Desta forma, as nossas primeiras hipóteses foram confirmadas, com maiores níveis de tolerância à ambiguidade a associarem-se a menores níveis de inibição da exploração e da individualidade e de ansiedade de separação e dependência na relação com o pai. Embora a leitura possa ser efetuada em dois sentidos, importa ressaltar que os processos vinculativos, pela sua natureza, antecedem a própria construção dos traços de personalidade e das estruturas do pensamento, entre os quais a tolerância à ambiguidade. Neste sentido, importa lembrar os estudos de Valutis (2015) que apontam no sentido de que maiores níveis de exploração do meio e de contacto com o que não é familiar (McLain, 1993) promovem uma maior tolerância à ambiguidade, na forma da capacidade de tolerar o que é incerto, destruturado, fragmentado, incompleto e ambíguo. Budner (1962) acrescenta que a tolerância à ambiguidade pressupõe o desejo de contacto com o novo e o desafiante. Ora, se o estilo relacional detido com o pai promover, por outro lado, a inibição e o medo face à novidade, é expectável que estes indivíduos tolerem menos a

ambiguidade. Mais ainda, diversos estudos apontam no sentido de indivíduos com mais abertura à experiência serem, por sua vez, mais tolerantes à ambiguidade (Caligari, Jacobs & Fari, 2000). Indivíduos mais abertos à experiência poderão, por seu lado, ser aqueles que foram mais estimulados a procurar o novo e a autonomia na e a partir da relação com o pai. Isto porque, como refere Corneau & Sholdice (1991), o pai é o primeiro não-mãe, que introduz a criança ao mundo e que estimula a sua experiência no contexto de uma relação segura. Na mesma linha, estilos de disciplina e parentalidade assentes em experiências ameaçadoras com foco na submissão a papéis definidos e na dependência conduzem a experiências nos filhos de negação do self, obrigando-os a afastar da consciência os aspetos contraditórios de si-mesmo e dos outros, bloqueando a experiência fluída e flexível do mundo interno e relacional (Stein, 2004; Summers, 2006). Este sentimento de ameaça face aos mundos externo e interno, aliado à necessidade de submissão ao outro, funda no indivíduo um padrão relacional de dependência e uma rigidez comportamental (Ogden, 1983). Tal resulta, então, numa diminuição da abertura à experiência, por um lado, e numa dificuldade significativa no reconhecimento separado do self e do outro (Freud, 1949), aspetos estes que, por resultarem na necessidade de recurso a defesas arcaicas de clivagem e projeção, dissolvem a fronteira entre o eu e outro e dificultam o acesso à ambivalência (Kenny, 1987; Klein, 1946). Sendo a ambivalência um dos ingredientes base da tolerância à ambiguidade, compreende-se assim como a ansiedade de separação e dependência na relação com o pai constitui um inibidor precoce de futura capacidade para tolerar estímulos ambíguos.

Quanto à hipótese que pressupõe a existência de uma associação entre as dimensões de tolerância à ambiguidade e de desenvolvimento psicossocial, verifica-se a presença de uma correlação significativa, positiva e moderada, muito próxima do nível elevado. Como avançado na revisão de literatura, confirma-se a hipótese de que indivíduos mais tolerantes à ambiguidade apresentam maior predominância de atributos positivos relacionados com a identidade – dimensão intrapsíquica – e com a intimidade – dimensão relacional. De facto, a tolerância à ambiguidade, sobretudo na sua ligação às dimensões da incerteza e da ambivalência, parece constituir um promotor da capacidade para o indivíduo tolerar aspetos contraditórios na consciência face a si-mesmo e aos outros (Freud, 1949; Kernberg, 1972). O que, por sua vez, reflete a própria génese dos processos de construção identitária e de ligação íntima, tais como descritos por Erikson (1994) e Marcia (2002). Nomeadamente, a capacidade para entrar em contacto e explorar o mundo interno e externo e as dinâmicas relacionais, primeiro na infância e mais tarde na adolescência, constituiu a base para a aquisição de uma identidade egóica

estável, constituída por compromisso com valores, crenças e projetos individuais (Erikson, 1994; Lubenko & Sebre, 2007). Tais movimentos implicam a capacidade para tolerar a ambiguidade e a incerteza. Desta forma, indivíduos mais tolerantes serão mais capazes de pensar os aspetos contraditórios do self, ao mesmo tempo demonstrando melhores competências no sentido do autoconhecimento (Sedikids & Strube, 1997). Trata-se, pois, de aspetos que remetem a um self integrado que serve, por sua vez, de suporte à autoestima e a uma identidade estável. O ego pode então resistir à angústia e ao impulso, bem como pode o indivíduo criar relações de profunda troca emocional, sem necessidade de recorrer ao outro como espelho do valor próprio. O indivíduo pode aceder à responsabilidade e à autocrítica, tomando para si a medida do seu valor (Mischel, 1974; Kernberg, 1984). Encontramos, aqui, um paralelismo com o pensamento de Coimbra de Matos (2016). O indivíduo no qual predomina uma eficaz e sustentada resolução dos desafios psicossociais relacionados com a identidade, que permitem posterior acesso ao estabelecimento de vínculos emocionais profundos, é aquele que transcende a identidade imagoico-imagética, i.e., a identificação ao que outros disseram que era, bem como a própria identidade alotriomórfica, ou seja a cópia do modelo, para atingir a identidade idiomórfica, que traduz o primado da decisão do próprio sobre si mesmo, bem como a expressão máxima da sua individualidade. Trata-se, pois, de uma forma de narcisismo que depende mais do juízo próprio e menos do olhar do outro, ou seja, que traduz uma identidade madura, menos amparada no outro (Kernberg, 1995).

Em seguida, foi objeto de estudo atestar a existência de associações entre o nível de desenvolvimento psicossocial e a qualidade da vinculação ao pai, como medida nas três subdimensões que a compõem. O nível de desenvolvimento psicossocial dos sujeitos surge correlacionado de forma negativa e moderada com o grau de inibição da exploração e da individuação na relação com o pai, bem como de forma negativa e fraca com o nível de ansiedade de separação e dependência na relação com o pai. Contudo, não se verifica uma associação entre o nível de desenvolvimento psicossocial e a qualidade do laço emocional com o pai. Uma vez mais, importa ressaltar que a experiência vinculativa antecede a construção identitária e a experiência da intimidade. Como referido anteriormente, o pai adquire principal relevância na história desenvolvimental da criança e do adolescente no sentido em que promove o lado exploratório e a abertura à experiência fundada na segurança psicológica da descoberta do jogo partilhado (Grossmann et al., 2002). Encontram-se, aqui, logo à partida, as bases para o desenvolvimento da identidade e do *vai-vem* característico da relação complementar insaturada (Coimbra de Matos, 2016). Recordamos, então, as palavras de Corneau & Shouldice

(1991), que refere que a progressiva dissolução da fase simbiótica ocorre porque o pai – primeiro outro – permite à criança o acesso à interioridade e à descoberta do eu, e com estes o acesso à agressividade, assertividade e exploração do meio. Neste sentido, o pai fomenta na criança a descoberta e reconhecimento da identidade masculina própria (Harkness & Super, 1992). Sabe-se, pois, que os comportamentos exploratórios que nascem na relação com o pai apresentam estreita ligação com a teorização da identidade conseguida de Marcia (1983) e a com a resolução dos conflitos psicossociais de Erikson (1994), no sentido em que a capacidade da criança e do adolescente em investigar e explorar as suas experiências interna e externa, bem como a própria natureza das dinâmicas relacionais, constitui a base para o desenvolvimento de uma identidade egóica estável e para a investigação ativa e intencional que permeia o compromisso com valores, crenças, planos, objetivos e relações (Erikson, 1994; Lubenko & Sebre, 2007). Apesar do apresentado, seria importante compreender o impacto que níveis extremados de qualidade do laço emocional na relação com o pai detêm sobre o nível de desenvolvimento psicossocial do indivíduo, bem como sobre as suas medidas de ansiedade de separação e dependência na relação com a figura parental. Propomos ainda, relativamente à inexistência de uma correlação significativa entre o nível de desenvolvimento psicossocial e a qualidade do laço emocional na relação com o pai, que níveis extremos de qualidade ou da falta desta poderão traduzir dificuldades psicossociais específicas, não traduzíveis por um coeficiente que pressupõe uma relação linear.

No seguimento da nossa investigação, compusemos hipóteses no sentido da existência de associações entre as dimensões selecionadas como indicadoras do fenómeno da propensão para o fanatismo. Mais concretamente, apontámos à existência de correlações entre o nível de dogmatismo, grau de adesão ao grupo e capacidade dos nossos sujeitos para distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos dado um cenário projetivo de escolha. Contrariamente ao que havíamos expectado, as dimensões em causa não apresentam correlações significativas. Importa ressaltar que a literatura não aponta para associações concretas entre as variáveis mencionadas. O facto de as dimensões não se encontrarem associadas, não significa que não possam representar diferentes faces de um mesmo fenómeno. Não obstante, tratam-se de dimensões de diferente natureza, nomeadamente cognitiva/percetiva e relacional, fortemente sujeitas à influência da desejabilidade social. Mais ainda, à parte da dimensão de dogmatismo, não existem medidas suficientemente adequadas para a apreciação do nível de adesão ao grupo, especialmente tomando em consideração sujeitos sem adesão conhecida, ou ainda para a capacidade de perceber e distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos. Apesar das

tentativas de criar um questionário em que a adesão ao grupo traduzisse a experiência de submissão e de entrega da descoberta e do compromisso identitário a um outro – grupo - tomado como espelho do *self*, maiores níveis de adesão ao grupo não implicam necessariamente uma maior propensão para fenómenos de *acting-out*. Na mesma linha, a dimensão que aponta à capacidade de distinção entre grupos fanáticos e não-fanáticos remete a cenários projetivos sem qualquer comprometimento ou consequência para o sujeito, pelo que a sua resposta poderá não trazer qualquer custo que implique maior investimento ou reflexão. Por último, as variáveis criadas não traduzem a motivação para a adesão a grupos fanáticos ou para o envolvimento em atividades delinquentes, pelo que se carece de instrumentos mais adequados para a sua apreciação (Milgram, 1977; Kristeva, Marder & Vieira, 2007; Casoni & Brunet, 2002; Goldberg, 2003).

Relativamente à apreciação da relação entre as variáveis independentes, variáveis sinalizadoras do fenómeno de propensão para o fanatismo e a própria variável de propensão para o fanatismo, foram traçadas diversas hipóteses. Em primeiro lugar, pretendemos compreender a associação entre a tolerância à ambiguidade e o nível de dogmatismo. Verificámos a presença de uma correlação significativa, negativa e fraca entre o nível de tolerância à ambiguidade e o nível de dogmatismo, confirmando a primeira hipótese, pelo que maiores níveis de tolerância à ambiguidade se encontram associados a menores níveis de dogmatismo. Importa recordar que a intolerância à ambiguidade remete, nas palavras de Frenkel-Brunswik (1949), à percepção do estímulo ambíguo como fonte de ameaça ou potencial mal-estar psicológico. McLain (1993) retoma o conceito e expande-o no sentido de traduzir um continuum de atração ou repulsa, situando-se o sujeito intolerante à ambiguidade numa das extremidades desse mesmo continuum. Por sua vez, traduz-se numa necessidade de simplificação irrealista da situação ambígua e associa-se à escolha rígida de soluções para contextos ambíguos. Neste sentido, Furnham & Marks (2013) salientam que a intolerância à ambiguidade se relaciona com visões absolutistas do mundo e dos outros, procura de certezas e a dicotomias rígidas com criação de categorias e tendência para permanecer fechado. Mais ainda, encontra-se uma forte associação entre o construto e a dimensão de dogmatismo (Block & Block, 1951; O'Connor, 1952; Bhushan, 1971; Chabassol & Thomas, 1975).

Em seguida, estudámos a associação entre o nível de tolerância à ambiguidade e o nível de propensão para o fanatismo. Contrariamente ao que havíamos expectado, não se verificou a presença de uma correlação significativa. Apraz-nos refletir sobre potenciais explicações para este facto. Como referido anteriormente, a tolerância à ambiguidade constitui uma dimensão

particularmente cognitiva, com ligação à estruturação da personalidade, e com predominância de aspetos emocionais dependentes do contexto, que ocorrem ao nível da resposta intrapsíquica e comportamental a estímulos ambíguos. Neste sentido integra-se a ideia de um continuum, entre a repulsa e a atracção, tal como descrito por McLain (1993). Por outro lado, a propensão para o fanatismo remete a um construto, criado e operacionalizado de uma forma particular no decorrer deste estudo, que pretendeu traduzir um aspeto motivacional e relacional, da procura do outro como um espelho e como um tampão para as angústias invasivas do self e para a própria procura de sentido. De facto, a dimensão da tolerância à ambiguidade não pressupõe uma apreciação das motivações internas do indivíduo, nem da sua predisposição para agir de forma delinvente ou antissocial, como se verifica nos fenómenos fanáticos.

Colocando o foco na dimensão da vinculação ao pai, verificámos que um maior nível de inibição da exploração e da individualidade na relação com o pai se associa a um menor nível de capacidade para distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos. De facto, Muza (1998) sugere que não só o pai adquire um papel fundamental na apresentação dos mundos interno e externo à criança, como o mesmo ocorre na adolescência. A ausência do pai, particularmente na adolescência, constitui um promotor para dificuldades de identificação sexual, reconhecimento de limites, aprendizagem de regras, envolvimento em atividades delinquentes e maior propensão para comportamentos antissociais. Podemos supor que o mesmo aconteça, ainda que em menor escala, em contextos inibidores da exploração e da individualidade. Assim, tem-se que os sujeitos possam perder faculdades ao nível do juízo crítico, bem como apresentarem maior desconhecimento face ao mundo externo e à realidade, o que, por sua vez, pode ser responsável por menores índices de capacidade para distinguir entre grupos (Ferrari, 1994). Não se verificaram associações adicionais para o nível de inibição da exploração e da individualidade que poderão remeter à necessidade de estudos adicionais que visem o recurso a instrumentos adequados para apreciação da dimensão de propensão para o fanatismo.

Quanto à qualidade do laço emocional na relação com o pai, confirmou-se a hipótese que pressupunha uma associação entre esta e o nível de dogmatismo. Neste sentido, verificou-se a presença de uma associação significativa, positiva e fraca, com maiores níveis de qualidade do laço emocional na relação com o pai a associarem-se a maiores níveis de dogmatismo. Este resultado é coincidente com o que havíamos expectado. Na estrutura do domínio da qualidade do laço emocional na relação com o pai, os autores salientam que esta traduz a importância da figura parental como figura de vinculação. Isto é, a forma como o indivíduo a percebe como

única e de tremenda importância para o seu desenvolvimento, constituindo uma figura de apoio a quem recorrerá em situações de necessidade e com quem tem a expectativa de uma relação duradoura. Tem-se, de forma consequente, que uma maior vinculação ao pai, junto de indivíduos do sexo masculino, parece relacionar-se com uma maior disposição para o desenvolvimento de uma identidade fechada no compromisso com um papel rígido ou com a submissão à identidade de um outro (Greenberger & McLaughlin, 1998). Tal poderá contribuir para compreender a necessidade de recorrer a visões absolutas e rígidas, que se articulem com a própria submissão ao papel definido e que o fundamentem (Mikulincer & Shaver, 2001). Por outro lado, este resultado surpreendente abre espaço para pensar novas investigações. Seria importante compreender o nível de dogmatismo destes mesmos pais. Isto porque, uma relação de extrema proximidade com o pai poderá ser pautada pela tomada deste como modelo identificativo durante a adolescência. De facto, diversos estudos demonstram que uma relação vinciativa mais forte ao pai, por parte de sujeitos masculinos, pode ter como resultado uma maior propensão para o desenvolvimento de uma identidade fechada. Tal poderá resultar na exibição de traços de rigidez de pensamento e menor flexibilidade (Greenberger & McLaughlin, 1998; Samuolis et al., 2001). Por outro lado, poderemos supor que o desenvolvimento de uma identidade alicerçada na identificação a uma figura parental dogmática possa originar o desenvolvimento de traços transgeracionais, à semelhança do que ocorre com traços e tendências psicopatológicas específicas (Neto, Fialho, Godinho & Centeno, 2010; Dezoti Valdanha, Scorsolini-Comin & dos Santos, 2013; Machado, 2016).

Por último, quanto à dimensão ansiedade de separação e dependência na relação com o pai, verificou-se a presença de uma associação significativa, positiva e fraca com o nível de propensão para o fanatismo. Como vimos anteriormente, maiores níveis de ansiedade de separação e dependência na relação com o pai poderão traduzir défices ao nível do acesso à percepção diferenciada do self e dos outros (Tolpin, 1971; Skowron, Wester & Azen, 2004). A passagem da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva (Klein, 1935) traduz o acesso à ambivalência, à alteridade e ao mundo interno. Isto é em parte consequência do papel fundamental que o pai desempenha na promoção da autonomia e da individualidade da criança. Quando tal não sucede e a criança fica fixada na posição esquizo-paranóide, em que abundam angústias existenciais que invadem o frágil ego, a ambiguidade, incerteza, confusão, fragmentação e percepção da existência separada e de se estar só ameaçam a própria existência do indivíduo (Stein, 2004). Desta forma, é expectável que em adulto este mesmo sujeito possa apresentar fragilidades ao nível da compreensão das regras e valores sociais, exibindo maior

propensão para comportamentos delinquentes e antissociais, bem como que adira rigidamente ao grupo como forma de regulação da ansiedade existencial que provém do self frágil e esvaziado (Rokeach, 1960). Neste sentido, o grupo fanático poderá constituir um pai substituto, onde o indivíduo reencontra a mesma dinâmica relacional que conhece, reativando o sistema vincutivo (Bowlby, 1980).

Por ultimo, pretendemos ainda estudar a associação entre o nível de desenvolvimento psicossocial, as variáveis sinalizadoras do fenómeno de propensão para o fanatismo e a própria dimensão de propensão para o fanatismo. Neste sentido, propusemos que o nível de desenvolvimento psicossocial se encontraria negativamente associado ao nível de dogmatismo, e de propensão para o fanatismo, bem como positivamente associado à capacidade para distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos. Contrariamente ao expectado pela apreciação da literatura existente na matéria, o cálculo dos coeficientes de correlação de Pearson não revelou a presença de qualquer associação. Importa ressaltar, à partida, que a nossa amostra, dada a sua reduzida dimensão, demonstra um intervalo pouco extremado quanto aos níveis de desenvolvimento psicossocial, não permitindo um amplo acesso a sujeitos com maior predominância de atributos negativos associados às dimensões de identidade e intimidade. Por outro lado, tal como referido anteriormente, o instrumento de avaliação do nível de adesão ao grupo, criado especificamente para este estudo, assentou sobre um questionário de autorrelato fortemente sujeito à influência de variáveis motivacionais, tais como a desejabilidade social. Mais ainda, a MEPSI, instrumento escolhido para a apreciação do nível de desenvolvimento psicossocial do sujeito, não permite, no que à subdimensão da identidade concerne, atribuir um estilo identitário à imagem da teorização de Marcia (1983). Poderemos supor que não seja a predominância global de atributos negativos que fomente a associação às variáveis mencionadas, mas antes o próprio estágio de identidade. A título de exemplo, nos poucos casos que a literatura refere de intervenção psicoterapêutica com indivíduos desradicalizados, um dos aspetos centrais para a adesão aos movimentos foi descrito como um sentimento de vazio, de não se saber quem é e a procura de um sentido para a vida, que parece condizer com a descrição da identidade difusa de Marcia (1983).

Noutro sentido, decidimos posteriormente proceder ao estudo das associações entre o nível de propensão para o fanatismo e as variáveis sociodemográficas, nomeadamente o locus de controlo da autoestima, presença real do pai na infância e na adolescência e ainda escolha de cenários de identificação a grupos. Encontrámos uma associação negativa moderada com a presença real do pai na infância, mas não na adolescência. Neste sentido, a presença real do pai

na infância parece constituir um fator protetor da propensão para o fanatismo. Segundo Ferrari (2002), a ausência do pai pode instituir na criança um vazio profundo relacionado com o sentimento de não ser amada pelo pai ausente. Mais ainda, conjuntamente com processos de auto-desvalorização, a criança tende a desenvolver sentimentos avassaladores de culpa, pois esta se posiciona como razão para o abandono parental. A criança pensa-se má, destrutiva, e cria para si essa imagem do eu, que pode resultar numa multiplicidade de reações que vão do abatimento e melancolia até à agressividade e violência. Na mesma linha, diversos autores têm demonstrado uma estreita relação entre a ausência do pai e atos de criminalidade e delinquência (Fontes, 2010; Maria Sganzerla & Centenaro Levandowski, 2010). As dificuldades fundadas na infância podem ressurgir no decorrer da adolescência e evoluir para dificuldades no reconhecimento e compreensão das regras sociais, relacionadas com défices de internalização de um pai simbólico (Fontes, 2010), capaz de funcionar como instância moral do sujeito – supereu. Como nos ensina Lacan (1995), o pai simbólico é, por sua vez, o produto do mito. Ao pai do imaginário da criança se atribui a ambivalência e a dualidade que permeia a tensão entre agressividade e idealização que permitem o acesso à identificação ao pai e ao relacionamento com o outro. Contudo, o pai imaginário é também o pai do terror e da onipotência, da génese neurótica. Por ser um fantasma, não requiere relação com o pai real ou biológico, ainda que sobre o pai real recaia especial função no complexo de castração, como interditor. Lacan (1956) acrescenta que a castração pode ser fortemente influenciada pela ausência do pai real. É no plano mítico que a castração toma palco, mas é na intervenção real do pai que se protege a criança da dimensão fusional e incestuosa própria da psicose. A falha do pai em cumprir esta função pode, por sua vez, originar no indivíduo sentimentos de ódio, agressividade e culpa profundos – por um lado o desejo proibido, por outro o ódio profundo ao pai que não foi interditor. Tal pode mais tarde conduzir à procura da violência e do grupo, onde o indivíduo pode simbolicamente “matar” o antigo self e transformar-se num outro. O “sacrifício” que opera na dissolução do eu constitui por um lado uma renúncia à independência, por outro um ataque ao pai que é assim substituído pelo grupo, pelo líder ou pela ideologia, que operam, por sua vez, como pai substituto (Freud, 1975; Smith, Tyler, Huo, Ortiz & Lind, 1998).

Na mesma linha, verifica-se, igualmente, a existência de uma associação negativa moderada com o cenário de identificação (2), mas não com o cenário de identificação (1). Neste sentido, a escolha do grupo não-fanático como aquele do qual o indivíduo considera que seria mais fácil sair, surge associado a um menor nível de propensão para o fanatismo. Como referido anteriormente, a escolha do grupo não fanático como grupo do qual o indivíduo considera que

seria mais fácil sair pode remeter a uma preferência apoiada na experiência do mundo e dos outros. De facto, indivíduos menos propensos para o fanatismo poderão demonstrar preferência por contextos relacionais mais flexíveis, mutáveis e ambíguos, com maior espaço para a afirmação e comunhão da identidade pessoal e do outro, premiando, contudo, a preservação da autonomia e da individualidade (Ellis, 1986; Ilardo, 1973, McLain, 1999). Apesar do referido, o facto de que o cenário (2) apresentar uma associação significativa com o nível de propensão para o fanatismo, e não aquele em que o indivíduo refere em qual dos grupos se sentiria mais livre, poderá prender-se com a redundância das questões.

O facto de o nível de propensão para o fanatismo não apresentar uma associação significativa com o locus de controlo da autoestima, poderá traduzir que, embora suspeitemos que um locus de controlo externo da autoestima esteja presente em indivíduos com maior propensão para o fanatismo, tal não seja exclusivo a estes, podendo manifestar-se noutro tipo de propensões, tais como a propensão para a formação de vínculos anaclíticos (Blatt, 1974). A propensão para o fanatismo parece requerer um contexto intrapsíquico e ambiental mais amplo e específico.

Em seguida, dado o foco do nosso estudo se situar ao nível da propensão para o fanatismo, quisemos compreender as características do grupo com Elevada Propensão para o Fanatismo, por forma a explorar o seu funcionamento intrapsíquico e relacional, bem como a relação destes sujeitos com as variáveis sociodemográficas consideradas relevantes. Neste sentido, comparando os grupos de baixa, moderada e elevada propensão para o fanatismo, verifica-se que o grupo com elevada propensão para o fanatismo apresenta menores níveis de tolerância à ambiguidade, havendo diferenças significativas com o grupo de baixa propensão para o fanatismo. Na mesma linha, o grupo com elevada propensão para o fanatismo apresenta igualmente maiores níveis de adesão ao grupo e de capacidade para distinguir entre grupos fanáticos e não-fanáticos. Contrariamente ao que havíamos previsto, não se verificaram diferenças significativas quanto ao nível de dogmatismo. Sumariando o que já foi referido anteriormente, a propensão para o fanatismo parece associar-se com a intolerância ao que é diferente, incerto, destruturado, contraditório e inconsistente, por constituir uma própria ameaça para o self (McLain, 1993). Neste sentido, a adesão a uma entidade coletiva permite a expansão do self no espaço e no tempo, ultrapassando as suas próprias limitações (Castano & Dechesne, 2005). A adesão ao grupo pode reduzir o sentimento de angústia de morte e de inexistência e a própria ansiedade que deste resulta, funcionando como um tampão que oferece uma narrativa de vida que permite, ao mesmo tempo, compensar experiências traumáticas anteriores

(Spekhard & Akhmedova, 2005). O facto de o nível dogmatismo não se fazer notar de forma significativamente diferente entre os diversos grupos de propensão para o fanatismo, tal como seria de esperar pela revisão de literatura efetuada, poderá dever-se a problemas metodológicos, nomeadamente a dimensão da amostra e sobretudo a forma como o construto de propensão para o fanatismo foi criado, implicando a necessidade de futuras investigações com instrumentos mais adequados.

Quando consideradas as variáveis sociodemográficas para as quais os grupos revelaram diferenças significativas, tem-se que o grupo com elevada propensão para o fanatismo apresenta maior preponderância para a escolha do grupo fanático na escolha de grupo do qual consideram que seria mais fácil sair. Na mesma linha, verifica-se que estes sujeitos apresentam maior preponderância de ausência real do pai na infância. Tal parece coincidente com a reativação do sistema vincutivo e relacional e a procura da repetição (Bowlby, 1982). O indivíduo projeta-se como mais livre no cenário que corresponde à expectativa de um grupo contendor das angústias invasivas que assolam o self e ameaçam a sua própria continuidade, procurando um grupo-pai-substituto. O contexto grupal poderá permitir a morte simbólica do antigo self e a sua substituição por um novo, dotado de valor e significado de acordo com a apreciação grupal. O “sacrifício” ao qual o indivíduo se dá, de dissolução do eu na identidade grupal, poderá constituir um ataque ao próprio pai, por um lado, bem como o movimento que permite a sua própria substituição. O grupo ou ideologia inimiga/adversária poderá constituir um fim alternativo para o ódio e a agressividade reprimidos e que seriam inicialmente dirigidos à figura parental (Freud, 1950; Smith, 1998). Podemos ainda supor que, quando o pai não está presente para que a internalização e desenvolvimento do supereu ocorra de forma mais flexível e fluída, possa permanecer na criança, de forma paralela, um pai imaginário abandonico, bem como o sentimento de culpa face ao sucedido (Lacan, 1995). Face ao esvaziamento do núcleo de confiança básica poderemos supor que a criança, e mais tarde o adulto, se fará valer de crenças absolutas e rígidas, encontradas em grupos ou ideologias substitutas do pai, por forma a procurar manter intacto o núcleo da sua autoestima e tentar regular a permeabilidade ao que é novo e discordante, por constituir uma ameaça ao seu próprio bem-estar psicológico e à continuidade do seu self. O recurso a uma ideologia, muitas vezes sustentada na dinâmica grupal, permite compensar experiências anteriores de trauma (Spekhard & Akhmedova, 2005).

Os resultados da análise de regressão inicial deste estudo, que visou compreender o valor preditivo das variáveis tolerância à ambiguidade, vinculação ao pai e desenvolvimento psicossocial, demonstrou que as mesmas não detêm valor preditivo. Pelo que havíamos

postulado inicialmente, este foi um resultado que nos surpreendeu. Contudo, ao estudarmos o impacto das variáveis inibição da exploração e da individuação e ansiedade de separação e dependência na relação com o pai, desenvolvimento psicossocial, presença real do pai na infância e cenário de identificação a grupos (2) no nível de propensão para o fanatismo, verificámos que na nossa amostra global quanto maior o nível de ansiedade de separação e dependência ao pai, maior o nível de propensão para o fanatismo. A presença real do pai na infância e a escolha de cenário de identificação a grupos (2) surgem também como preditores significativos dos valores de propensão para o fanatismo, com a presença real do pai na infância e a escolha do grupo não-fanático a constituírem fatores protetores da propensão para o fanatismo.

### **5.1. Limitações e Direções Futuras**

A tentativa aqui demonstrada, de procurar explorar alguns dos fatores do funcionamento intrapsíquicos e relacional do sujeito e a sua relação com os fenómenos de fanatismo, apresentou limitações próprias à exploração de uma área que carece de séria e significativa investigação. Em primeiro lugar, salienta-se a ausência de instrumentos apropriados para avaliar algumas das dimensões centrais deste estudo, tais como a adesão ao grupo, no sentido em que estes substituem o trabalho intrapsíquico de descoberta e compromisso identitário, e a própria propensão para o fanatismo. Os instrumentos criados prenderam-se com medidas simples de autorrelato, pelo que pretendemos reforçar a necessidade do desenvolvimento de novas medidas para o bem da investigação nesta área.

Em segundo lugar, o estudo de dimensões como o nível de dogmatismo, a vinculação ao pai e o próprio desenvolvimento psicossocial remetem para questões que implicam diretamente o indivíduo e que requerem um grau elevado de honestidade. Desta forma, constituem potenciais alvos para respostas marcadas pela desejabilidade social. Neste sentido, seria útil que futuramente se aplicasse um instrumento para avaliação e controlo da interferência desta variável.

Seria igualmente interessante, no futuro, recorrer a amostras de maior dimensão. O facto de os fenómenos de fanatismo ocorrerem em pequena escala e frequentemente afastados da realidade da população geral, torna necessário o acesso a uma grande diversidade de sujeitos, para que se possam encontrar as respostas extremadas às variáveis que consideramos relevantes para o estudo do fenómeno. Mais ainda, a comparação entre grupos claramente definidos e que a literatura aponta como incubadores de fenómenos de fanatismo (e.g., claques de futebol) e grupos de natureza mais normativa, ou até sujeitos sem adesão conhecida, poderá permitir o

acesso a um fenómeno de expressão tão reduzida, mas tão impactante nas sociedades contemporâneas. Na mesma linha, o facto de o grupo com elevada propensão para o fanatismo ter sido composto por apenas quatro indivíduos impossibilita a generalização dos resultados obtidos.

Adicionalmente, consideramos que os estudos de casos, fenómeno raro na literatura existente sobre a temática, poderá constituir uma via exploratória relevante para a compreensão das dimensões intrapsíquicas relevantes para a compreensão do fenómeno.

Por ultimo, importa ressaltar que foi apenas possível estudar uma pequena porção das variáveis que consideramos relevantes para uma ampla exploração do fenómeno, pelo que apelamos ao desenvolvimento de novos estudos na matéria. Pessoalmente, o desenvolver desta temática fomentou em mim um grande interesse no seu aprofundamento e o desejo de prosseguir o seu estudo num futuro doutoramento a realizar.

## **5.2. Implicações Clínicas e para a Investigação**

Os fenómenos de natureza fanática agida assumem-se, cada vez mais, como uma realidade intrínseca às sociedades contemporâneas. A compreensão psicodinâmica dos sujeitos e dos grupos que os levam a cabo parece constituir uma necessidade não só para a psicologia clínica, sob a forma de potenciar intervenções preventivas e de desradicalização, bem como para as forças de segurança e para os próprios legisladores. De facto, não acreditamos que as restrições à liberdade individual e o aumento do poder conferido às forças de intervenção constituam uma via saudável e efetiva para a prevenção do fenómeno. Acreditamos sim que somente a investigação séria e aberta, tão necessária, o conhecimento e a reflexão poderão conduzir a respostas mais adequadas por parte das sociedades e dos seus intervenientes. Os técnicos de psicologia adquirem aqui um papel fundamental, no sentido da sinalização e potenciação da oferta de respostas eficientes e adequadas a sujeitos que apresentem maiores sinais de propensão para o fanatismo. Para tal, assume-se como absolutamente fundamental uma compreensão mais vasta e profunda da natureza intrapsíquica, relacional, grupal e motivacional que o fenómeno engloba.

## Referências Bibliográficas

- Aberastury, A. (1991). A paternidade. Em A. Aberastury & E. J. Salas, *A paternidade: Um enfoque psicanalítico* (pp. 41-87). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Adler, A. (1964). *Individual Psychology of Alfred Adler* (Vol. 1154). Harper Collins.
- Adorno, T. W., Frenkel-Brunswik, E., Levinson, D. J., & Sanford, R. N. (1950). *The Authoritarian Personality*. New York: Harper
- Ainsworth, M. D. S. (1982). *Attachment: Retrospect and prospect*. Basic Books.
- Alschuler, L. R. (2009). Fanaticism: A psychopolitical analysis. *Spring: A Journal of Archetype and Culture*, 81, 59-84.
- Alschuler, L. (2011). Islamism and fanaticism: A Jungian psychopolitical analysis. *Psychotherapy and Politics International*, 9(2), 134-152.
- Altemeyer, B. (2002). Dogmatic behavior among students: Testing a new measure of dogmatism. *The Journal of Social Psychology*, 142(6), 713-721.
- Arndt, J., Greenberg, J., Solomon, S., Pyszczynski, T., & Simon, L. (1997). Suppression, accessibility of death-related thoughts, and cultural worldview defense: exploring the psychodynamics of terror management. *Journal of personality and social psychology*, 73(1), 5.
- Arquero, J. L., & McLain, D. L. (2010). Preliminary validation of the Spanish version of the multiple stimulus types ambiguity tolerance scale (MSTAT-II). *The Spanish Journal of Psychology*, 13(1), 476-484.
- Bartlett, M. S. (1950). Tests of significance in factor analysis. *British Journal of Psychology*, 3, 77-85.
- Barton, M. E., & Tomasello, M. (1994). The rest of the family: The role of fathers and siblings in early language development. In C. Gallaway & B. J. Richards (Eds.), *Input and interaction in language acquisition*, 109-134. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511620690.007>
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological bulletin*, 117(3), 497.
- Benson, M. J., Harris, P. B., & Rogers, C. S. (1992). Identity consequences of attachment to mothers and fathers among late adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 2(3), 187-204.

- Bhushan, L. I. (1971). A study of leadership preference in relation to authoritarianism and intolerance of ambiguity. *Journal of the Indian Academy of Applied Psychology*.
- Bion, W. R. (1962). *A theory of thinking*. London: Routledge.
- Blatt, S. J. (1974). Levels of object representation in anaclitic and introjective depression. *The psychoanalytic study of the child*, 29(1), 107-157.
- Block, J., & Block, J. (1951). An investigation of the relationship between intolerance of ambiguity and ethnocentrism. *Journal of Personality*, 19(3), 303-311.
- Bowlby, J. (1980). Attachment and loss: Volume 3. Loss. *New York: Basic*.
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: Retrospect and prospect. *American journal of Orthopsychiatry*, 52(4), 664.
- Brief, A. P., & Aldag, R. J. (1976). Correlates of role indices. *Journal of applied psychology*, 61(4), 468.
- Bronson, G. W. (1959). Identity diffusion in late adolescents. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 59(3), 414.
- Budner, S. N. Y. (1962). Intolerance of ambiguity as a personality variable. *Journal of personality*, 30(1), 29-50.
- Caligiuri, P. M., Jacobs, R. R., & Farr, J. L. (2000). The attitudinal and behavioural openness scale: Scale development and construct validation. *International Journal of Intercultural Relations*, 24, 27-46. doi:10.1016/S0147-1767(99)00021-8
- Canzler, P. (1999, março). *Sources of fanaticism*. Paper presented at European Psychoanalytic Federation Conference. Berlin, Germany
- Carver, R. (2006, n.d.). *Ambiguity intolerance: An impediment to inferential reasoning*. Paper presented at Joint Statistical Meetings, Seattle, WA.
- Casoni, D., & Brunet, L. (2002). The psychodynamics of terrorism. *Canadian Journal of Psychoanalysis*, 10(1), 5.
- Castano, E., & Dechesne, M. (2005). On defeating death: Group reification and social identification as immortality strategies. *European review of social psychology*, 16(1), 221-255.
- Chabassol, D. J., & Thomas, D. (1975). Needs for structure, tolerance of ambiguity and dogmatism in adolescents. *Psychological reports*, 37(2), 507-510.
- Chapelle, C., & Roberts, C. (1986). Ambiguity tolerance and field independence as predictors of proficiency in English as a second language. *Language learning*, 36(1), 27-45.

- Chen, C. C., & Hooijberg, R. (2000). Ambiguity Intolerance and Support for Valuing-Diversity Interventions. *Journal of Applied Social Psychology, 30*(11), 2392-2408.
- Chumakova, M. A., & Kornilov, S. A. (2013). Individual differences in attitudes towards uncertainty: evidence for multiple latent profiles. *Psychology in Russia: State of the art, 6*(4).
- Coimbra de Matos, A. (2016). *Nova Relação*. Climepsi Editores
- Comadena, M. E. (1984). Brainstorming groups: Ambiguity tolerance, communication apprehension, task attraction, and individual productivity. *Small Group Behavior, 15*(2), 251-264.
- Corneau, G., & Shouldice, L. T. (1991). *Absent fathers, lost sons: The search for masculine identity*. Shambhala Publications.
- Crowson, H. M. (2009). Right-wing authoritarianism and social dominance orientation: As mediators of worldview beliefs on attitudes related to the war on terror. *Social Psychology, 40*(2), 93-103.
- Crowson, H. M., DeBacker, T. K., & Davis, K. A. (2008). The DOG Scale: A valid measure of dogmatism?. *Journal of Individual Differences, 29*(1), 17-24.
- Darling-Fisher, C. S., & Leidy, N. K. (1988). Measuring Eriksonian development in the adult: The modified Erikson psychosocial stage inventory. *Psychological Reports, 62*(3), 747-754.
- Deutsch, H. (1944). The psychology of women, vol. 1. *New York: Grune & Stratton, 1*.
- DeRoma, V. M., Martin, K. M., & Kessler, M. L. (2003). The relationship between tolerance for ambiguity and need for course structure. *Journal of instructional psychology, 30*(2), 104.
- Dezoti Valdanha, É., Scorsolini-Comin, F., & dos Santos, M. A. (2013). Anorexia nervosa e transmissão psíquica transgeracional. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 16*(1).
- Dornbusch, S. M., Carlsmith, J. M., Bushwall, S. J., Ritter, P. L., Leiderman, H., Hastorf, A. H., & Gross, R. T. (1985). Single parents, extended households, and the control of adolescents. *Child development, 326-341*.
- Durrheim, K., & Foster, D. (1997). Tolerance of ambiguity as a content specific construct. *Personality and individual differences, 22*(5), 741-750.
- Ellis, A. (1986). Do some religious beliefs help create emotional disturbance?. *Psychotherapy in Private Practice, 4*(4), 101-106.

- Ellsberg, D. (1961). Risk, ambiguity, and the Savage axioms. *The quarterly journal of economics*, 643-669.
- Elster, J. (2005). Suicide missions: motivations and beliefs. In: D. Gambetta (Ed.), *Making sense of suicide missions* (pp. 233–258). Oxford: Oxford University Press.
- Erikson, E. H. (1994). *Identity: Youth and crisis* (No. 7). WW Norton & Company.
- Ferrari, D. C. (2002). Definição de abuso na infância e na adolescência. *O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática*, 81.
- Fontes, A. M. M. (2010). Violência nas escolas: a crise da autoridade. *Revista Educação em foco*, 15(01), 77-85.
- Freud, A. (1949). Notes on aggression. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 13(5), 143.
- Freud, A. (1966). *The Ego and the Mechanisms of Defense*. International Universities Press.
- Freud, S. (1912). The dynamics of transference. *Classics in Psychoanalytic Techniques*.
- Freud, S. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 7.
- Freud, S. (1958). *On creativity and the unconscious*. New York : Harper and Row.
- Freud, S. (1975). *Group psychology and the analysis of the ego*. WW Norton & Company.
- Fromm, E. (1942). *The fear of freedom*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Frenkel-Brunswik, E. (1949). Intolerance of ambiguity as an emotional and perceptual personality variable. *Journal of personality*, 18(1), 108-143.
- Frenkel-Brunswik, E. (1951). Personality theory and perception. In R. Blake, & E. Ramsey (Eds.), *Perception: An approach to personality*. New York: Ronald. doi:10.1037/11505-013
- Fromm, E. (1994). *Escape from freedom*. Macmillan.
- Furnham, A. (1994). A content, correlational and factor analytic study of four tolerance of ambiguity questionnaires. *Personality and Individual Differences*, 16(3), 403-410.
- Furnham, A., & Marks, J. (2013). Tolerance of ambiguity: A review of the recent literature. *Psychology*, 4(09), 717.
- Furnham, A., & Ribchester, T. (1995). Tolerance of ambiguity: A review of the concept, its measurement and applications. *Current Psychology*, 14(3), 179-199.
- Gama, L., de Mendonça, S. F., & de Barros, R. M. M. (2014, setembro). Em toda neurose habita a perversão: pathos e saúde. Paper presented at the VI Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, Belo Horizonte, Brazil.

- Goldberg, C. (2003). Fanatic hatred and violence in contemporary America. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 5(1), 9-19.
- McNeese, M.N. (2001). *Using technology in educational settings*. Recuperado em 13 outubro, 2001, do University of Southern Mississippi, Educational Leadership and Research Web site: <http://www-dept.usm.edu/~eda/>
- Gouveia, M. J. C. (2013). *Conflito interparental, vinculação aos pais e competências sociais do jovem adulto* (Doctoral dissertation).
- Greenberger, E., & McLaughlin, C. S. (1998). Attachment, coping, and explanatory style in late adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 27(2), 121-139.
- Greenberg, J. (1983). *Object relations in psychoanalytic theory*. Harvard University Press.
- Grenier, S., Barrette, A. M., & Ladouceur, R. (2005). Intolerance of uncertainty and intolerance of ambiguity: Similarities and differences. *Personality and individual differences*, 39(3), 593-600.
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., & Scheuerer-Englich, H. (2002). The uniqueness of the child–father attachment relationship: Fathers’ sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social development*, 11(3), 301-337.
- Hamilton, N. G. (1989). A critical review of object relations theory. *American Journal of Psychiatry*, 146(12), 1552-1560.
- Harkness, S., & Super, C. M. (1992). Parental ethnotheories in action. *Parental belief systems: The psychological consequences for children*, 2, 373-392.
- Hedge-Carruthers, A. (1997). *White, North American, Christian fundamentalism of the late 20th century: A developmental perspective* (Doctoral dissertation, Pacifica Graduate Institute).
- Herman, J. L., Stevens, M. J., Bird, A., Mendenhall, M., & Oddou, G. (2010). The tolerance for ambiguity scale: Towards a more refined measure for international management research. *International Journal of Intercultural Relations*, 34(1), 58-65.
- Hetherington, E. M., Camara, K. A., & Featherman, D. L. (1983). Achievement and intellectual functioning of children in one-parent households. *Achievement and achievement motives*, 205-284.
- Hogan, T. P., Wyckoff, L. A., Krebs, P., Jones, W., & Fitzgerald, M. P. (2004). Tolerance for error and computational estimation ability. *Psychological reports*, 94(3\_suppl), 1393-1403.

- Holder, A. (1975). Theoretical and clinical aspects of ambivalence. *The Psychoanalytic study of the child*, 30(1), 197-220.
- Jung, C. G. (1970). *Analytical Psychology: Its Theory and Practice*. New York: Vintage Books
- Jung, C. G. (1972). *The Structure and Dynamics of the Psyche*. Princeton, NJ: Princeton University Press
- Kaiser, H. F. (1974). An index of factorial simplicity. *Psychometrika*, 39(1), 31-36.
- Kenny, M. E. (1987). The extent and function of parental attachment among first-year college students. *Journal of youth and Adolescence*, 16(1), 17-29.
- Kernberg, O. F. (1972). Early ego integration and object relations. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 193(1), 233-247.
- Kernberg, O. F. (1995). *Object relations theory and clinical psychoanalysis*. Jason Aronson.
- Kirton, M. J. (1981). A reanalysis of two scales of tolerance of ambiguity. *Journal of Personality Assessment*, 45(4), 407-414.
- Klein, M. (1935). Uma contribuição para a psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos, 1921-1945*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Klein, M. (1946). Notes on some schizoid mechanisms. *The International journal of psychoanalysis*, 27, 99.
- Komarovsky, M. (1976). *Dilemmas of Masculinity*. New York: Norton.
- Kornilova, T. V., & Kornilov, S. A. (2010). Intelligence and tolerance/intolerance for uncertainty as predictors of creativity. *Psychology in Russia: State of the art*, 3(1).
- Kristeva, J., Marder, M., & Vieira, P. I. (2007). Adolescence, a syndrome of ideality. *The psychoanalytic review*, 94(5), 715-725.
- Krohne, H. W. (1989). The concept of coping modes: Relating cognitive person variables to actual coping behavior. *Advances in Behaviour Research and Therapy*, 11(4), 235-248.
- Krohne, H. W. E. (1993). *Attention and avoidance: Strategies in coping with aversiveness*. Hogrefe & Huber Publishers.
- Kruglanski, A. W., Chen, X., Dechesne, M., Fishman, S., & Orehek, E. (2009). Fully committed: Suicide bombers' motivation and the quest for personal significance. *Political Psychology*, 30(3), 331-357.
- Kruglanski, A. W., & Orehek, E. (2011). The role of the quest for personal significance in motivating terrorism. In J. P. Forgas, A. W. Kruglanski, & K. D. Williams (Eds.), *The psychology of social conflict and aggression*, 153–164. New York, NY: Psychology Press.

- Kruglanski, A. W., Bélanger, J. J., Gelfand, M., Gunaratna, R., Hettiarachchi, M., Reinares, F., ... & Sharvit, K. (2013). Terrorism—A (self) love story: Redirecting the significance quest can end violence. *American Psychologist*, *68*(7), 559.
- Lacan, J. (1956). La cosa freudiana o sentido del retorno a Freud en psicoanálisis. *Escritos*, *1*, 384-418.
- Lacan, J. (1995). O Seminário, livro 4: A relação de objeto (1956-57). *Rio de Janeiro: Jorge Zahar*, 211.
- Ladouceur, R., Gosselin, P., & Dugas, M. J. (2000). Experimental manipulation of intolerance of uncertainty: A study of a theoretical model of worry. *Behaviour research and therapy*, *38*(9), 933-941.
- Laplanche, J., Pontalis, J. B. (1967). *Vocabulaire de la psychanalyse*. Quadrige/Presses Universitaires de France.
- Leong, C. H., & Ward, C. (2000). Identity conflict in sojourners. *International Journal of Intercultural Relations*, *24*(6), 763-776.
- Lichtenberg, J. D., & Slap, J. W. (1973). Notes on the concept of splitting and the defense mechanism of the splitting of representations. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, *21*(4), 772-787.
- Lisondo, A. B. D. D. (2010). Rêverie re-visitado. *Revista Brasileira de Psicanálise*, *44*(4), 67-84.
- Łubenko, J., & Sebre, S. (2007). Adolescents' identity achievement, attachment to parents and family environment. *Baltic Journal of Psychology*, *8*, 37-48.
- MacDonald, A. P. (1970). Revised scale for ambiguity tolerance: Reliability and validity. *Psychological Reports*, *26*, 791-798.
- Machado, M. E. S. (2016). *Perfeccionismo e sintomatologia obsessivo-compulsiva: uma perspectiva transgeracional* (Master's thesis).
- Mahler, M. S. (1967). On human symbiosis and the vicissitudes of individuation. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, *15*(4), 740-763.
- Marcia, J. E. (1983). Some directions for the investigation of ego development in early adolescence. *The Journal of Early Adolescence*, *3*(3), 215-223.
- Marcia, J. E. (2002). Identity and psychosocial development in adulthood. *Identity: An international journal of theory and research*, *2*(1), 7-28.
- Marimaa, K. (2011). The many faces of fanaticism. *ENDC Proceedings*, *14*, 29-55.
- Maslow, A. H. (1971). *The farther reaches of human nature*. Viking Press

- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). Questionário de vinculação ao pai e à mãe. *Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.*
- McLain, D. L. (1993). The MSTAT-I: A new measure of an individual's tolerance for ambiguity. *Educational and psychological measurement, 53*(1), 183-189.
- McLain, D. L. (2009). Evidence of the Properties of an Ambiguity Tolerance Measure: The Multiple Stimulus Types Ambiguity Tolerance Scale–II (MSTAT–II). *Psychological reports, 105*(3), 975-988.
- Meek, P. M. (1968) *Extreme tolerance of ambiguity: A manifestation of maladaptive behaviour.* Unpublished doctoral dissertation, University of Florida, Gainesville, FL.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2001). Attachment theory and intergroup bias: evidence that priming the secure base schema attenuates negative reactions to out-groups. *Journal of personality and social psychology, 81*(1), 97.
- Miles, R. H. (1975). An empirical test of causal inference between role perceptions of conflict and ambiguity and various personal outcomes. *Journal of Applied Psychology, 60*(3), 334.
- Milgram, S. (1977). The social meaning of fanaticism. *ETC: A Review of General Semantics, 58-61.*
- Mostul, B. (1977). Measurement of Ambiguity Tolerance (MAT-50): Further Construct Validation. Unpublished dissertation, Portland State University. DOI: 10.15760/etd.2511
- MUZA, G. M. (1998). Da proteção generosa à vítima do vazio. *Exercício da paternidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 143-150.*
- Naiman, N., Frohlich, M., Stern, H., & Todesco, A. (1978). The good language learner. *Research in Education Series, 7.*
- Neto, I. M., Fialho, T., Godinho, P., & Centeno, M. J. (2010). Treating and Training: A 30 Year Experience of a Team with a Group-Analytic Framework: Part I. *Group Analysis, 43*(1), 50-64.
- Norton, R. W. (1975). Measurement of ambiguity tolerance. *Journal of personality assessment, 39*(6), 607-619.
- O'Connor, P. (1952). Ethnocentrism, "intolerance of ambiguity," and abstract reasoning ability. *The Journal of Abnormal and Social Psychology, 47*(2), 526

- Ogden, T. (1983). The concept of internal object relations. *The International journal of psychoanalysis*, 64, 227.
- Olds, V. S. (2008). *The Relationships Between Object Relations Development, God Image, Spiritual Maturity, and Religious Fundamentalism Among Christians*. Doctoral Dissertation, Texas A&M University. Retrieved from <http://oaktrust.library.tamu.edu/bitstream/handle/1969.1/86014/Olds.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Piven, J. S. (2002). On the psychosis (religion) of terrorists. C. E. Stout (Ed), *The psychology of terrorism: Theoretical Understandings and Perspectives*, 2, 119-148. Westport, CT: Praeger Publishers.
- Post, J., Sprinzak, E., & Denny, L. (2003). The terrorists in their own words: Interviews with 35 incarcerated Middle Eastern terrorists. *Terrorism and political Violence*, 15(1), 171-184.
- Postman, N. (1976). *Crazy talk, stupid talk: How we defeat ourselves by the way we talk and what to do about it*. Delacorte Pr.
- Ray, J. J. (1988). Cognitive style as predictor of authoritarianism, conservatism, and racism: A fantasy in many movements. *Political Psychology*, 9(2), 303-308.
- Rydell, S. T., & Rosen, E. (1966). Measurement and some correlates of need-cognition. *Psychological reports*, 19(1), 139-165.
- Rokeach, M. (1960). The open and closed mind. *Science*, 132, 142-143. DOI: 10.1126/science.132.3420.142-a
- Rosenthal, D. A., Gurney, R. M., & Moore, S. M. (1981). From trust on intimacy: A new inventory for examining Erikson's stages of psychosocial development. *Journal of Youth and Adolescence*, 10(6), 525-537.
- Rousseau, J. J. (1968). *The social contract, or principles of political right*. London, England: Penguin Classics. (Original work published 1762)
- Samuolis, J., Layburn, K., & Schiaffino, K. M. (2001). Identity development and attachment to parents in college students. *Journal of Youth and Adolescence*, 30, 373-384.
- Sedikides, C., & Strube, M. J. (1997). Self-evaluation: To thine own self be good, to thine own self be sure, to thine own self be true, and to thine own self be better. *Advances in experimental social psychology*, 29, 209-269.
- Sherrill, W. W. (2001). Tolerance of ambiguity among MD/MBA students: Implications for management potential. *Journal of Continuing Education in the Health Professions*, 21(2), 117-122.
- Skowron, E. A., Wester, S. R., & Azen, R. (2004). Differentiation of self mediates college stress

- and adjustment. *Journal of Counseling & Development*, 82(1), 69-78.
- Smith, H. J., Tyler, T. R., Huo, Y. J., Ortiz, D. J., & Lind, E. A. (1998). The self-relevant implications of the group-value model: Group membership, self-worth, and treatment quality. *Journal of Experimental Social Psychology*, 34(5), 470-493.
- Sor, D. & Gazzano, M.R.S. (1992). *Fanatismo*. Buenos Aires: Ananké.
- Speckhard, A., & Akhmedova, K. (2005). Talking to terrorists. *Journal of Psychohistory*, 33(2), 125.
- Stein, R. (2004). Fundamentalism, Father and Son, and Vertical Desire. *PsyArt: A Hyperlink Journal for the Psychological Study of the Arts*, 8, [np].
- Storey, R. G., & Aldag, R. J. (1983, agosto). Perceived environmental uncertainty: A test of an integrated explanatory model. In *43rd Annual meeting of the National Academy of Management*.
- Summers, F. (2006). Fundamentalism, psychoanalysis, and psychoanalytic theories. *The Psychoanalytic Review*, 93(2), 329-352.
- Thorne, S., & Bruner, G. C. (2006). An exploratory investigation of the characteristics of consumer fanaticism. *Qualitative Market Research: An International Journal*, 9(1), 51-72.
- Tolpin, M. (1971). On the beginnings of a cohesive self: An application of the concept of transmuting internalization to the study of the transitional object and signal anxiety. *The psychoanalytic study of the child*, 26(1), 316-352.
- Utrilla Robles, M. (2003). Las raíces de la intolerância. *El rapto de Europa. Crítica de la Cultura*, 2, 35-46.
- Valutis, S. A. (2015). The Relationship Between Tolerance of Ambiguity and Stereotyping: Implications for BSW Education. *Journal of Teaching in Social Work*, 35(5), 513-528.
- Viscusi, W. K., & Chesson, H. (1999). Hopes and fears: the conflicting effects of risk ambiguity. *Theory and Decision*, 47(2), 157-184.
- Wirth, H. J., & Becker, A. (2009). *Narcissism and power: psychoanalysis of mental disorders in politics*. Psychosozial-Verlag.

## Anexos

### Anexo A – Caracterização da amostra

PARTICIPANTES		N=77	%	Média	DP	Min	Max
<i>Idade</i>				21.60	1.23	20	23
<i>Estado Civil</i>	Solteiro	75	97.4				
	União de Facto	2	2.6				
	Casado	0					
	Divorciado	0					
<i>Escolaridade</i>							
	Ensino Primário	1	1.3				
	Ensino Secundário	7	9.1				
	Frequência Universitária	42	54.5				
	Ensino Superior	27	35.1				
<i>Residência</i>							
	Alenquer						
	Alfragide						
	Algés						
	Alvalade						
	Alverca						
	Amadora						
	Azambuja						
	Barreiro						
	Belas						
	Cacém						
	Campolide, Lisboa						
	Caneças						
	Casa da mãe						
	Casa dos Pais						
	Casal de Cambra,						
	Sintra						
	Cascais						
	CASCAIS						
	Entroncamento						
	Gavião						
	Leiria						
	Lisboa						

PARTICIPANTES		N=77	%	Média	DP	Min	Max
	Lisboa						
	Lisboa, Portugal						
	Macau						
	Malveira						
	Massamá						
	Nova Caldónia						
	Odivelas						
	Pinhal Novo						
	Porto						
	Portugal						
	S.Domingos de						
	Rana						
	Setubal						
	Sintra						
	Telheiras, Lisboa						
<i>Estado Profissional</i>	Tires						
	Viena	4	5.2				
		8	10.4				
	Empregado	63	81.8				
<i>Nacionalidade próprio</i>	Trabalhador-Estudante	2	2.6				
	Estudante						
	Desempregado						
		76	98.7				
		1	1.3				
	Portuguesa						
	Outra						
<i>Nacionalidade pai</i>							
	Portuguesa	76	98.7				
	Outra	1	1.3				
<i>Nacionalidade mãe</i>							
	Portuguesa	75	97.4				
	Outra						
	Peruana	1	1.3				
	Venezuelana	1	1.3				

PARTICIPANTES		N=77	%	Média	DP	Min	Max
<i>Cresceu...</i>							
	Pai	72	93.5				
	Mãe	75	97.4				
	Irmãos	49	63.6				
	Outros Familiares	28	36.4				
	Outros	6	7.8				
<i>Adolescência...</i>							
	Pai	67	87				
	Mãe	72	93.5				
	Irmãos	50	64.9				
	Outros Familiares	26	33.8				
	Outros	7	9.1				
<i>Vive...</i>							
	Sozinho	7	9.1				
	Pai	30	39				
	Mãe	41	53.2				
	Irmãos	28	36.4				
	Outros Familiares	5	6.5				
	Esposa/ marido	/ 2	2.6				
	Companheira(o)						
	Filhos	0					
	Amigos ou colegas	10	13				
<i>Tem pessoas com quem pode contar na sua vida?</i>							
	Sim	75	97.4				
	Não	2	2.6				
<i>Necessidade de maior número de pessoas</i>							
	Sim	18	23.4				
	Não	59	76.6				
<i>Envolvimento em Grupos</i>							
	Não	44	57.1				
	Desportivo	11	14.3				
	Político	1	1.3				
	Religioso	8	10.4				

PARTICIPANTES		N=77	%	Média	DP	Min	Max
	Académico	24	31.2				
	Artístico	8	10.4				
	Voluntariado/Ação Social	12	15.6				
	Escutismo						
	Ecológico/Ambiental	0					
	Minorias	5	6.5				
	Militares/Políciais	5	6.5				
	Outro	2	2.6				
	Associação de Estudantes	3					
	Dank Memes Gang	1	1.3				
	Formula Student						
		1	1.3				
	<i>Cenário de</i>	1	1.3				
	<i>Identificação a Grupos</i>						
(1)	A						
	B						
		11	14.3				
	A	66	85.7				
	<i>Cenário de Identificação</i>						
	<i>a Grupos (2)</i>	22	28.6				
		55	71.4				

## **Anexo B – Questionário de Dados Sociodemográficos**

### **Consentimento Informado**

Este consentimento informado visa fornecer informação que deverá ler antes de aceitar, voluntariamente, participar na investigação referida.

Convidamo-lo a participar num estudo sobre a afiliação e identificação a grupos. Este estudo está a ser realizado no âmbito da dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde do aluno Tiago Ferreira de Magalhães. O projecto tem a orientação da Doutora Ana Sofia Medina, Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Com este estudo pretendemos compreender algumas características do funcionamento interno dos sujeitos que se dispõem a aderirem a grupos (das mais diversas naturezas). O objectivo é compreender algumas das motivações intrínsecas, responsáveis pelo funcionamento saudável em grupo.

O estudo envolve a resposta a um conjunto de escalas que visam cobrir aspectos diferentes da sua vida, tais como o seu grau de tolerância à ambiguidade, o seu sentido de identidade, a qualidade da sua relação com a figura parental masculina e o grau de flexibilidade do seu pensamento. Tem um duração estimada de 30min.

Os dados recolhidos no decorrer deste estudo são anónimos e será mantida a confidencialidade. A análise dos resultados decorrentes deste estudo será feita de forma global e poderão ser publicados para objectivos científicos, mas a sua identidade ou dados pessoais não serão revelados. Poderá requisitar, se assim o entender, os resultados globais do estudo.

A participação no estudo é inteiramente voluntária, dispondo da liberdade para decidir querer participar ou não, bem como para desistir de participar a qualquer momento. Qualquer dúvida ou informação adicional poderá ser clarificada através do endereço de email [tiagomagalhaes@campus.ul.pt](mailto:tiagomagalhaes@campus.ul.pt).

Agradecemos desde já a sua participação.

## Questionário de dados Sociodemográficos

Q143 Aceito participar no estudo:

SIM (1)

NÃO (2)

Q2 Idade

20 (1)

21 (2)

22 (3)

23 (4)

Q3 Estado Civil

Solteiro (1)

União de Facto (2)

Casado (3)

Divorciado (4)

Viúvo (5)

Q4 Escolaridade

- Ensino Primário (1º ao 4º ano) (1)
- 2º Ciclo do Ensino Básico (5º ou 6º ano) (2)
- 3º Ciclo do Ensino Básico (7º, 8º ou 9º ano) (3)
- Ensino Secundário (10º, 11º ou 12º ano) (4)
- Frequência Universitária (5)
- Ensino Superior (6)

Q5 Por favor, indique a sua nacionalidade:

- Portuguesa (1)
- Outra (Qual?) (2) \_\_\_\_\_

Q6 E a nacionalidade do seu pai:

- Portuguesa (1)
- Outra (Qual?) (2) \_\_\_\_\_

Q7 E ainda, a nacionalidade da sua mãe:

- Portuguesa (1)
- Outra (Qual?) (2) \_\_\_\_\_

Q8 Com quem cresceu/passou a infância?  
(se desejar, poderá seleccionar mais do que uma opção)

Pai (1)

Mãe (2)

Irmãos (3)

Outros familiares (4)

Outros (5)

---

Q9 Com quem passou a adolescência?  
(se desejar, poderá seleccionar mais do que uma opção)

Pai (1)

Mãe (2)

Irmãos (3)

Outros familiares (4)

Outros (5)

Q10 Por favor, indique o seu local de residência actual:

---

Q11 Qual é o seu estado profissional actual?

- Empregado (1)
- Trabalhador-estudante (2)
- Estudante (3)
- Desempregado (4)

Q12 Indique a profissão que exerce actualmente:

---

Q13 Há quanto tempo a exerce?

---

Q14 Com quem vive actualmente?  
(se desejar, poderá seleccionar mais do que uma opção)

Sozinho (1)

Pai (2)

Mãe (3)

Irmãos (4)

Outros familiares (5)

Esposa/ marido/ companheira(o) (6)

Namorado(a) (7)

Filhos (8)

Amigos (9)

Outros parentes (10)

Amigos ou colegas (11)

Q15 Tem pessoas com quem pode contar na sua vida?

Sim (1)

Não (2)

Q16 Quanto é que considera que pode contar com essas pessoas?

	1 (0)	2 (1)	3 (2)	4 (3)	5 (4)	6 (5)	
Muito pouco (1)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
							Posso contar para tudo

Q17 Quão importante é para si sentir essas pessoas próximas?

	1 (0)	2 (1)	3 (2)	4 (3)	5 (4)	6 (5)	
Muito pouco importante (1)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Extremamente importante

Q18 Sente que necessitaria de um maior número de pessoas a apoiá-lo?

Sim (1)

Não (2)

Q19 Encontra-se, de momento, envolvido em algum dos seguintes tipos de grupo? (pode seleccionar mais do que uma opção)

Não (1)

Desportivo (recreativo, competitivo ou claqué) (2)

Político (movimento ou afiliação partidária) (3)

Religioso (religião oficial, seita, grupo espiritual) (4)

Académico (Praxe, associativismo, Tuna) (5)

Artístico (música, artes plásticas, arte urbana, cinema, fotografia, dança, teatro, etc.) (6)

Voluntariado/Ação Social (7)

Escutismo (8)

Ecológico/Ambiental (9)

Minorias (étnicas, género, identidade sexual ou migração) (10)

Grupos militares/ policiais (11)

Outro (Qual?) (12) \_\_\_\_\_

Q20 Caso tenha respondido "sim" à questão anterior, considere para as questões seguintes o grupo que lhe for mais significativo e indique qual é, identificando-o na caixa de texto que se segue:

Q21 Quanto é que se identifica aos ideais desse grupo?							
	1 (0)	2 (1)	3 (2)	4 (3)	5 (4)	6 (5)	
Não me identifico nada (1)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Identifico-me totalmente

Q22 Quanto é que esses ideais determinam quem é?							
	1 (0)	2 (1)	3 (2)	4 (3)	5 (4)	6 (5)	
Não determinam nada quem sou (1)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Determinam totalmente quem sou

Q23 Como avalia o grau de importância do grupo na sua vida?							
	1 (0)	2 (1)	3 (2)	4 (3)	5 (4)	6 (5)	
Nada importante (1)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito importante

Q24 Considerando que o ponto central significa que valoriza de igual forma os dois pólos, localize-se na seguinte escala, escolhendo um ponto que se situe mais próximo do pólo com o qual se identifica.

	1 (0)	2 (1)	3 (2)	4 (3)	5 (4)	6 (5)	
O quanto gosto de mim depende mais da imagem que os outros têm de mim e do seu reconhecimento (1)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	O quanto gosto de mim depende mais de quanto bem me sinto comigo próprio e com aqueles que amo

Q25 Considere a descrição do seguinte grupo:

Q26 **A** Imagine que era convidado a fazer parte de um grupo exclusivo e bem-organizado, com o qual partilharia interesses e valores. Todos os membros teriam os mesmos ideais que seriam aceites sem discussão e defendidos como sendo a verdade. Assim, seria convidado a divulgar estas crenças com outras pessoas, fora do grupo. Teria como objetivo que pudessem compreender, para seu próprio bem, como estava certo. Teria uma posição numa hierarquia, que seria determinada pelas atividades e desafios que cumprisse. O grupo seria para si como uma segunda família e contribuiria individualmente para o bem do grupo. Teria sentimentos de amizade e pertença, e um propósito para a sua vida, que contribuiriam para que se sentisse mais realizado e completo.

Q27 Considere a descrição do seguinte grupo:

Q28 **B** Imagine que era convidado a fazer parte de um grupo coeso e bem-organizado, com o qual partilharia interesses e valores. Os membros poderiam expressar opiniões diferentes e muitas vezes contraditórias. Por isso, seria comum ocorrerem discussões entre os membros. Faria sentido que partilhasse estas opiniões com outras pessoas, fora do grupo, para que pudesse ver outras perspetivas. Todos os membros teriam direitos iguais, tendo para isso que cumprir um conjunto de deveres. O grupo seria para si como uma segunda família e contribuiria para a sua expressão pessoal e social. Teria sentimentos de amizade e pertença, e um propósito a realizar, que contribuiriam para que se sentisse mais livre e melhor consigo mesmo.

Q29 Com base no que leu, responda agora às seguintes perguntas: (se necessário, poderá voltar atrás e reler a descrição dos cenários)

Q30 Em qual dos grupos se sentiria mais livre?

A (1)

B (2)

Q31 E de qual é que considera que seria mais fácil sair?

A (1)

B (2)

Q32

Quanto é que considera que a descrição do grupo A poderá corresponder à descrição de um grupo fanático?

	1 (0)	2 (1)	3 (2)	4 (3)	5 (4)	6 (5)	
Não corresponde nada (1)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Corresponde totalmente

Q33 E do grupo B?

	1 (0)	2 (1)	3 (2)	4 (3)	5 (4)	6 (5)	
Não corresponde nada (1)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Corresponde totalmente

## Anexo C – Teste Piloto

### Teste-Piloto

---

Q1

Com o objectivo de criar uma metodologia para a apreciação da identificação do indivíduo ao grupo, solicita-se que responda às seguintes questões:

Q2 Idade

---

Q3 Encontra-se, de momento, envolvido ou faz parte de algum dos seguintes tipos de grupo? (pode seleccionar mais do que uma opção)

- Desportivo (recreativo, competitivo ou claque) (1)
- Político (movimento ou afiliação partidária) (2)
- Religioso (religião oficial, seita, grupo espiritual) (3)
- Académico (praxe, associativismo ou tuna) (4)
- Outro (Qual?) (6) \_\_\_\_\_
- Artístico (música, artes plásticas, arte urbana, cinema) (5)
- Voluntariado/Acção Social (7)
- Escutismo (8)
- Ecológico/Ambiental (9)
- Minorias (étnicas, género, identidade sexual ou migração) (10)
- Grupos militares/ policiais (11)

Q4 Considere a descrição do seguinte grupo:

---

**Q5 A** Imagine que era convidado a fazer parte de um grupo exclusivo e bem-organizado, com o qual partilharia interesses e valores. Todos os membros teriam os mesmos ideais que seriam aceites sem discussão e defendidos como sendo a verdade. Assim, seria convidado a divulgar estas crenças com outras pessoas, fora do grupo. Teria como objetivo que pudessem compreender, para seu próprio bem, como estava certo. Teria uma posição numa hierarquia, que seria determinada pelas atividades e desafios que cumprisse. O grupo seria para si como uma segunda família e contribuiria individualmente para o bem do grupo. Teria sentimentos de amizade e pertença, e um propósito para a sua vida, que contribuiriam para que se sentisse mais realizado e completo.

**Q6** Considere a descrição do seguinte grupo:

**Q7 B** Imagine que era convidado a fazer parte de um grupo coeso e bem-organizado, com o qual partilharia interesses e valores. Os membros poderiam expressar opiniões diferentes e muitas vezes contraditórias. Por isso, seria comum ocorrerem discussões entre os membros. Faria sentido que partilhasse estas opiniões com outras pessoas, fora do grupo, para que pudesse ver outras perspetivas. Todos os membros teriam direitos iguais, tendo para isso que cumprir um conjunto de deveres. O grupo seria para si como uma segunda família e contribuiria para a sua expressão pessoal e social. Teria sentimentos de amizade e pertença, e um propósito a realizar, que contribuiriam para que se sentisse mais livre e melhor consigo mesmo.

**Q8** Com base no que leu, responda agora às seguintes perguntas:(se necessário, poderá voltar atrás e reler a descrição dos cenários)

---

**Q9** Em qual dos grupos se sentiria mais livre?

A (1)

B (2)

**Q10** E de qual é que considera que seria mais fácil sair?

A (1)

B (2)

Q11

Quanto é que considera que a descrição do grupo A poderá corresponder à descrição de um grupo fanático?

	1 (0)	2 (1)	3 (2)	4 (3)	5 (4)	6 (5)	
Não corresponde nada (1)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
							Corresponde totalmente

Q12 E do grupo B?

	1 (0)	2 (1)	3 (2)	4 (3)	5 (4)	6 (5)	
Não corresponde nada (1)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
							Corresponde totalmente

**Anexo D – Multiple Stimulus Ambiguity Scale (MSTAT-I; McLain, 1993)**

**TABLE 1**

	Factor Loading	Item Communality
1.I don't tolerate ambiguous situations well.	.63	.51
2.I find it difficult to respond when faced with an unexpected event.	.48	.46
3.I don't think new situations are any more threatening than familiar situations.	.51	.41
4.I'm drawn to situations which can be interpreted in more than one way.	.38	.35
5.I would rather avoid solving a problem that must be viewed from several different perspectives.	.41	.34
6.I try to avoid situations which are ambiguous.	.61	.44
7.I am good at managing unpredictable situations.	.37	.35
8.I prefer familiar situations to new ones.	.55	.47
9.Problems which cannot be considered from just one point of view are a little threatening.	.40	.27
10.I avoid situations which are too complicated for me to easily understand.	.57	.40
11.I am tolerant of ambiguous situations.	.50	.36
12.I enjoy tackling problems which are complex enough to be ambiguous.	.55	.46
13.I try to avoid problems which don't seem to have only one "best" solution.	.59	.47
14.I often find myself looking for something new, rather than trying to hold things constant in my life.	.34	.38
15.I generally prefer novelty over familiarity.	.40	.40
16.I dislike ambiguous situations.	.84	.73
17.Some problems are so complex that just trying to understand them is fun.	.31	.37
18.I have little trouble coping with unexpected events.	.47	.40
19.I pursue problem situations which are so complex some people call them "mind boggling".	.31	.35
20.I find it hard to make a choice when the outcome is uncertain.	.48	.39
21.I enjoy an occasional surprise.	.18	.22
22.I prefer a situation in which there is some ambiguity.	.56	.48

NOTE. Factor loadings, first factor, appear in parentheses following each item.

NOTE. Reliability, coefficient alpha, for the 22-item scale = .86.

### **Tradução:**

1. Não tolero bem situações ambíguas.
2. Tenho dificuldade em reagir quando confrontado com uma situação inesperada.
3. Não considero novas situações como mais ameaçadoras do que situações familiares.
4. Sou atraído para situações que podem ser interpretadas de mais do que uma maneira.
5. Prefiro evitar resolver um problema que deve ser visto de diferentes perspetivas.
6. Procuro evitar situações que são ambíguas.
7. Sou bom a gerir situações inesperadas.
8. Prefiro situações familiares a situações novas.
9. Problemas, que não podem ser vistos de um ponto de vista apenas, são um pouco ameaçadores.
10. Evito situações que são muito complicadas para que eu as possa perceber facilmente.
11. Sou tolerante a situações ambíguas.
12. Gosto de resolver problemas que são suficientemente complexos para serem ambíguos.
13. Procuro evitar problemas que não aparentam ter uma única solução “certa”.
14. Procuro frequentemente coisas novas, ao invés de tentar manter as coisas constantes na minha vida.
15. Geralmente prefiro a novidade ao que me é familiar.
16. Não gosto de situações ambíguas.
17. Alguns problemas são tão complexos que é divertido simplesmente tentar compreendê-los.
18. Tenho poucas dificuldades em me adaptar a eventos inesperados.
19. Procuro situações problemáticas que são tão complexas que algumas pessoas as consideram extremamente confusas.
20. Sinto dificuldades em fazer uma escolha quando o resultado é incerto.
21. Gosto de uma surpresa ocasional.
22. Prefiro uma situação em que existe alguma ambiguidade.

**Anexo E – Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM – versão revista; Matos & Costa, 2001)**

**PARTE 1**

**INSTRUÇÕES**

Neste Questionário vai encontrar um conjunto de afirmações sobre as relações familiares. Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz  as respostas que melhor exprimem o modo como se sente em relação a **cada um** dos seus pais. Responda em colunas separadas para o **Pai** e para a **Mãe**, tendo em conta as seis (6) alternativas que se seguem:

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

	PAI						MÃE					
	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
1	Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.											
2	Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo.											
3	É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que eu penso.											
4	Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas.											
5	Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles são únicos para mim.											
6	Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.											
7	Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova.											
8	Os meus pais conhecem-me bem.											
9	Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.											
10	Não vale muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais damos o braço a torcer.											
11	Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.											
12	Estou sempre ansioso(a) por estar com os meus pais.											
13	Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados.											
14	Em muitas coisas eu admiro os meus pais.											
15	Eu e os meus pais é como se fôssemos um só.											
16	Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.											

17	Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
18	Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
19	Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
20	Sei que posso contar com os meus pais sempre que precisar deles.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
21	Faço tudo para agradecer aos meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
22	Os meus pais dificilmente me dão ouvidos.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
23	Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
24	Tenho medo de ficar sozinho(a) se um dia perder os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
25	Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
26	Não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
27	Os meus pais fazem-me sentir bem comigo próprio(a).	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
28	Os meus pais têm a mania que sabem sempre o que é melhor para mim.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
29	Se tivesse de ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido(a).	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
30	Eu e os meus pais temos uma relação de confiança.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6

## **Anexo F – Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory (MEPSI; Darling-Fisher & Leidy, 1988)**

### **Tradução do MEPSI**

#### **Identidade – Confusão:**

itens positivos (8, 13, 16, 17, 41)

8. I've got a clear idea of what I want to be

8. Tenho uma ideia clara do que quero ser

13. The important things in life are clear to me

13. As coisas importantes na vida são claras para mim

16. I've got it together

16. Tenho tudo sob controlo

17. I know what kind of person I am

17. Sei que tipo de pessoa é que sou

41. I like myself and am proud of what I stand for

41. Gosto de mim-próprio e tenho orgulho naquilo em que defendo

itens negativos (6, 9, 25, 47, 48)

6. I change my opinion of myself a lot

6. Mudo muitas vezes a opinião que tenho de mim próprio

9. I feel mixed up

9. Sinto-me confuso

25. I can't decide what I want to do with my life

25. Não consigo decidir o que quero fazer com a minha vida

47. I find I have to keep up a front when I'm with people

47. Sinto que tenho de manter uma fachada quando estou com pessoas

48. I don't really feel involved

48. Não me sinto ligado

#### **Intimidade – Isolamento**

itens positivos (4, 26, 45, 62, 77)

4. I'm warm and friendly

4. Sou caloroso e amigável

26. It's important to me to be completely open with my friends

26. É para mim importante ser completamente aberto com os meus amigos

45. I care deeply for others

45. Preocupo-me profundamente com os outros

62. I have (have had) a close physical and emotional relationship with another person

62. Tenho (tive) uma relação emocional e física próxima com outra pessoa

77. I find it easy to make close friends

77. Sinto que é fácil fazer amigos próximos

itens negativos (3, 30, 39, 58, 72)

3. I get embarrassed when someone begins to tell me personal things

3. Sinto-me envergonhado quando alguém me começa a contar coisas pessoais

30. I keep what I really think and feel to myself

30. Guardo para mim aquilo que realmente penso e sinto

39. I think it's crazy to get too involved with people

39. Acho uma loucura envolver-me demasiado com as pessoas

58. I'm basically a loner

58. Sou um solitário

72. I prefer not to show too much of myself to others

72. Prefiro não mostrar demasiado de mim aos outros

**Tradução escala de resposta:**

1. Hardly ever true ----- Quase nunca é verdade
2. Occasionally true ----- Poucas vezes é verdade
3. About half the time ----- Umas vezes é verdade, outras não
4. Usually true ----- Bastantes vezes é verdade
5. Almost always true ----- Quase sempre é verdade

## Anexo G – DOG Scale (Altemeyer, 2002)

### ALTEMEYER (1996) “DOG” SCALE

---

#### Altemeyer (1996)

---

##### Practice Items

- X. I may be wrong about some of the little things in life, but I am quite certain I am right about all the BIG issues.
- Y. Someday I will probably think that many of my present ideas were wrong.

##### Scale Items

1. Anyone who is honestly and truly seeking the truth will end up believing what I believe
- \*2. There are so many things we have not discovered yet, nobody should be absolutely certain his beliefs are right
3. The things I believe in are so completely true, I could never doubt them
- \*4. I have never discovered a system of beliefs that explains everything to my satisfaction
- \*5. It is best to be open to all possibilities and ready to reevaluate all your beliefs
6. My opinions are right and will stand the test of time
- \*7. Flexibility is a real virtue in thinking, since you may well be wrong
8. My opinions and beliefs fit together perfectly to make a crystal-clear “picture” of things
9. There are no discoveries or facts that could possibly make me change my mind about the things that matter most in life
- \*10. I am a long way from reaching final conclusions about the central issues in life
- \*11. The person who is absolutely certain she has the truth will probably never find it
12. I am absolutely certain that my ideas about the fundamental issues in life are correct
- \*13. The people who disagree with me may well turn out to be right
14. I am so sure I am right about the important things in life, there is no evidence that could convince me otherwise
15. If you are “open-minded” about the most important things in life, you will probably reach the wrong conclusions
- \*16. Twenty years from now, some of my opinions about the important things in life will probably have changed
17. “Flexibility in thinking” is another name for being “wishy-washy”
- \*18. No one knows all the essential truths about the central issues in life
- \*19. Someday I will probably realize my present ideas about the BIG issues are wrong.
20. People who disagree with me are just plain wrong and often evil as well

---

\* Items are Reverse Scored

## Tradução:

### Itens de treino

X. Posso estar errado em relação a algumas das pequenas coisas da vida, mas tenho quase a certeza de que estou certo em relação aos assuntos MAIS IMPORTANTES.

Y. Provavelmente, algum dia irei pensar que muitas das minhas ideias actuais estavam erradas

### Itens da escala

1. Alguém que esteja à procura da verdade de forma honesta e verdadeira, irá acabar por acreditar naquilo em que acredito
2. \* Há tantas coisas que ainda não descobrimos, que ninguém deveria estar absolutamente convencido de que as suas crenças estão certas
3. As coisas em que acredito são tão verdadeiras que nunca poderia duvidar delas.
4. \* Nunca descobri um sistema de crenças capaz de explicar tudo de forma satisfatória
5. \* É preferível ser aberto a todas as possibilidades e pronto a reavaliar todas as minhas crenças
6. As minhas opiniões estão certas e irão resistir ao teste do tempo
7. \* Visto que posso estar errado, a flexibilidade é uma verdadeira virtude do pensamento
8. As minhas opiniões e crenças encaixam perfeitamente e fazem uma imagem clara das coisas
9. Não existem descobertas ou factos que poderiam possivelmente fazer-me mudar o que penso sobre as coisas que mais importam na vida
10. \* Estou longe de chegar a conclusões definitivas sobre os assuntos centrais da vida
11. \* A pessoa que está absolutamente certa de que tem a verdade provavelmente nunca a irá encontrar
12. Tenho a certeza absoluta de que as minhas ideias, sobre os assuntos mais importantes da vida, estão certas
13. \* As pessoas que discordam de mim podem muito bem vir a estar certas
14. Tenho de tal forma a certeza de que estou certo, sobre as coisas mais importantes da vida, que nenhuma prova me poderia convencer do contrário
15. Se tiveres uma mente aberta às coisas mais importantes da vida, irás provavelmente chegar às conclusões erradas
16. \* Daqui a vinte anos algumas das minhas opiniões sobre as coisas mais importantes da vida terão provavelmente mudado
17. “Pensamento flexível” é um outro nome para alguém “despreocupado”/ “indefinido”/ “que não sabe em que acredita”
18. \* Ninguém sabe todas as verdades essenciais sobre os assuntos centrais da vida
19. \* Algum dia irei provavelmente perceber que as minhas ideias presentes sobre os grandes assuntos da vida estão erradas
20. Pessoas que discordam de mim estão simplesmente erradas e são por vezes más

\* Itens cotados de forma invertida